



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**ANDRESSA BATISTA COELHO**

**“EM DEFESA DA AUTODEFESA”**: os sentidos da luta afroamericana e a ação política  
do Partido dos Panteras Negras a partir do *Black Community News Service*  
(1967-1972)

**Rio de Janeiro**  
**2019**

**Andressa Batista Coelho**

**“EM DEFESA DA AUTODEFESA”: os sentidos da luta afroamericana e a ação política do Partido dos Panteras Negras a partir do *Black Community News Service* (1967-1972)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em História

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lise Fernanda Sedrez**

Rio de Janeiro

2019

## AGRADECIMENTOS

Talvez eu nunca consiga expressar em palavras o que essa jornada significou para mim e o quanto eu sou grata por todas as oportunidades que tive ao longo da graduação. Eu costumo brincar que a UFRJ me deu tudo o que eu tenho, mas, para ser mais rigorosa com os fatos, a educação pública possibilitou que eu me transformasse em tudo que sou e conquistasse tudo o que tenho até aqui. Todas as experiências que me atravessaram deixaram lições eternas, e possibilitam minha desconstrução e reconstrução diária. É claro que não caminhei sozinha nessa aventura, e tenho muito a agradecer a cada um que me acompanhou e acompanha.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Sérgio e Geralda. Minha mãe foi o primeiro exemplo de ser humano inspirador na minha vida, por toda sua força e integridade. Agradeço aos meus irmãos, Cristiano e Franklin, e minha irmã Darlene, que superaram todas as agruras familiares em um tempo que nem sonhávamos ocupar os lugares que ocupamos hoje. Todo mundo da minha família trabalhou arduamente para que o pudesse ser a primeira pessoa da família a entrar em uma universidade pública.

Agradeço demais aos meus amigos de infância, Bruno e Dalila, por quem reservo um carinho todo especial e por terem me inspirado em diversas fases da vida. Também agradeço aos queridos Carlos Augusto e Umáyra por todos os momentos felizes que compartilhamos.

Agradeço à professora Maria de Fátima, de matemática, e ao professor Marcelo, de história, ambos do Brizolão Maria Augusta Correia, em São João de Meriti, onde concluí meu terceiro ano do Ensino Médio. Lembro com muito carinho e gratidão de toda sensibilidade e paciência da Maria de Fátima nas aulas de matemática, que não era minha disciplina preferida, por eu ser uma estudante trabalhadora e às vezes não dar conta. Marcelo foi uma grande influência para que eu tomasse a decisão de cursar História, porque suas aulas me despertava brilho nos olhos.

Sou eternamente grata a toda a equipe do Arquivo Histórico do Museu da República: Silvinha, Gleise, Joana, Liamara, Tâmisia, Alex, Fátima e Paulo. Acreditaram em mim, me aceitaram e acolheram no meu primeiro estágio. O carinho que eu sinto é eterno.

Agradeço muito ao projeto de pesquisa e extensão “Conversa entre Professores”, do Colégio de Aplicação/UFRJ, por também terem me acolhido e me ensinado tanto. Graça, Renata, Franco, Dandara, Thays e os outros queridos que me proporcionaram tanto aprendizado e

esperança nas construções coletivas.

Outra oportunidade maravilhosa que a experiência na UFRJ me trouxe foi a de estagiar no Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira. Essas pessoinhas que conheci têm um lugar especial no meu coração. Eu amo vocês como irmãos. Vinícius, Alessandra, Naillivy, Matheus, Camila, Elisama, Wilma, Rafael, Andrezza, Ingrid, Fernanda, Nayara, Robson e, com menção honrosa, Daniele, que é minha fada madrinha e tanto me ajudou e ajuda. “A chancela da verdade será nossa!”

Entre as amizades que ganhei na graduação, não poderia deixar de mencionar Priscila, Tâmis e Bruna. Mulheres maravilhosas, que tanto me ajudaram, que tanto me inspiram, e quero levar por toda a minha vida. Vocês são luz!

Finalmente, agradeço imensamente à minha orientadora Lise Sedrez, que me ajudou primorosamente a construir este trabalho, e que desde o primeiro semestre da graduação me inspira com sua gentileza, paciência e cuidado, até mesmo com as crases.

*Viver significa tomar partido. Não podem existir os apenas homens, estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão, e partidário. Indiferença é abulia, parasitismo, covardia, não é vida.*

Antonio Gramsci

## RESUMO

COELHO, Andressa Batista. **“Em defesa da autodefesa”**: os sentidos da luta afroamericana e a ação política do Partido dos Panteras Negras a partir do *Black Community News Service* (1967-1972). Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Curso de Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A história dos Estados Unidos no século XX foi marcada por intensas disputas entre projetos políticos e culturais distintos em território nacional. A Guerra Fria e o contexto revolucionário na América Latina, África e Ásia, por sua vez, colocam a nação americana como representante principal de um projeto imperial capitalista. A partir deste pano de fundo, pretendo, neste trabalho, analisar como o Partido dos Panteras Negras representou as ambiguidades que atravessam a comunidade afroamericana no maior Estado capitalista do período. Para isso, utilizo como fonte o jornal *Black Community News Service*, que era produzido como material de (in)formação e divulgação das perspectivas que norteavam o Partido e suas transformações nos anos 1967 a 1972.

**Palavras-chave:** Panteras Negras; Estados Unidos; identidade afroamericana; pós-colonial.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1 – Os Panteras em perspectiva: debates e categorias iniciais</b> .....	4
1.1. Categorias identitárias: Panteras na América, Panteras no Mundo.....	6
1.2. Gênese, influências, repressão e ação política.....	9
1.3. “ <i>Survival Programs</i> ”: solidariedade como resistência política.....	14
<b>2 – Panteras Negras, o Estado e as possibilidades de representação</b> .....	19
2.1. <i>Black Community News Service</i> .....	18
2.2. As representações.....	23
2.3. As disputas.....	27
<b>3 – Vanguarda da periferia: ativismos em América, África e Ásia</b> .....	31
3.1. As associações entre América, África e Ásia .....	32
3.2. Internacionalismo e Intercomunalismo Revolucionário.....	37
<b>4 – O pós-colonial como ferramenta de análise</b> .....	42
4.1. A subversão como cultura política nos Estados Unidos.....	43
4.2. Sujeitos negros no mundo: raça e racismo além das fronteiras.....	45
4.3. Ressignificação cultural como retórica decolonial.....	48
<b>Considerações finais</b> .....	52
<b>Referências</b> .....	55
Fontes.....	55
Referências bibliográficas.....	56

## Introdução

First you have free breakfasts, then you have free medical care,  
then you have free bus rides, and soon you have FREEDOM!<sup>1</sup>

(Fred Hampton)

A frase acima simboliza alguns dos muitos esforços e demandas de um dos maiores e mais importantes movimentos organizados que emergiram nos Estados Unidos durante o século XX. O Partido dos Panteras Negras<sup>2</sup> foi criado em outubro de 1966, em Oakland, Califórnia, pelos universitários Huey Newton e Bobby G. Seale, e se tornou de um partido local a uma organização influente em âmbito internacional. O Partido assumiu uma postura enérgica para responder às espoliações com as quais se defrontava toda a população negra urbana: à violência policial, respondia com patrulhas armadas; à ausência de serviços básicos e oportunidades, a construção de escolas, programas de educação e serviços de saúde. Em outras palavras, como mostra a epígrafe, o Partido via como uma linha contínua a busca de serviços básicos e de uma cidadania plena.

O PPN reuniu à sua pauta pessoas desiludidas com o resultado das mobilizações anteriores pelo reconhecimento dos direitos civis, e formularam diversos instrumentos para instituir sua própria defesa contra as consequências do racismo. Neste trabalho, me proponho a analisar como a política do Partido dos Panteras Negras influenciou e ao mesmo tempo representou a identidade afroamericana no período entre 1967 e 1972.

Estes marcos fazem sentido do seguinte modo: o marco inicial, 1967, discute como o Partido surgiu após as dolorosas experiências da Marcha de Selma e do assassinato de Malcolm X, ambas em 1965, quando parte do movimento afroamericano buscou novos caminhos de luta. Embora o PPN continue a existir até a década de 1980, o marco final de 1972 se justifica porque nota-se expressivos conflitos decorrentes de uma importante cisão no Partido, argumento que as políticas de identidade propostas pelo grupo como um todo já são bem delineadas nesta primeira fase.

1 “Primeiro você tem cafés da manhã gratuitos, depois você tem serviços médicos e corridas de ônibus gratuitas, e em breve você terá LIBERDADE!”. Tradução livre de um trecho do discurso de Fred Hampton, presidente da filial de Illinois do Partido dos Panteras Negras, assassinado em sua casa por policiais em 1969 (BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 177; p. 325).

2 Posso utilizar “Partido”, “Panteras Negras” ou “PPN” no decorrer do texto.



Embora o objeto desta monografia diga respeito ao PPN como um Partido de expressão internacional, o foco dos primeiros capítulos será na atuação deste na Califórnia, onde o partido foi fundado, e onde várias de suas atividades políticas e comunitárias primeiro se desenvolveram. Ao todo, em quatro capítulos busco analisar a relação entre o Estado e o Partido dos Panteras Negras enquanto grupo representativo das demandas e das complexidades da comunidade afroamericana através do *The Black Panther: Black Community News Service* (BCNS), principal instrumento de comunicação do Partido; demonstrar como o jornal representa as relações do Partido com outros movimentos sociais do seu tempo e compreender a pertinência dos estudos pós coloniais para entender a situação do negro na sociedade estadunidense.

No capítulo 1, discorro sobre a literatura historiográfica que trata da história do Partido e seus pontos em comum, assim como as características que compõem e dão sentido a organização, desde o contexto em que foi criada até a primeira ruptura interna que se dá em 1971. Neste capítulo também escrevo sobre as especificidades de alguns rótulos identitários atribuídos e reconhecidos pelas pessoas negras nos Estados Unidos.

No capítulo 2, o foco é no material institucional enquanto fonte de análise das transformações do Partido, componente de uma série de serviços pensados para conscientizar e melhorar a situação que representam, também, as ambiguidades da comunidade negra nos Estados Unidos: suas urgências, a necessidade de rompimento com as tradições da identidade nacional e os discursos causas que representam continuidade.

No capítulo 3 eu analiso as convergências entre os Panteras Negras e outros movimentos e teorias revolucionárias ao redor do mundo, sobretudo em África, Ásia e América Latina, pois estavam no centro da disputa polarizada da Guerra Fria e pela descolonização, trazendo pautas em comum entre os povos que se veem como alvo de políticas imperiais/colonizadoras.

Por fim, no capítulo 4, em relação direta com o capítulo 3, procuro pontuar as teorias atuais e de outrora sobre as relações pós-coloniais e as propostas para superar a lógica colonial que se ampara fundamentalmente no racismo e na inferiorização de pessoas que historicamente não orbitam o eurocentrismo.

A fonte que utilizo, *Black Community News Service*, era publicada na Califórnia.

Trata-se de um jornal, material institucional produzido pelo Partido durante 13 anos e que compunha os “serviços para sobrevivência” da organização. Esses serviços, ou programas, foram constituídos com o objetivo de prover soluções para os problemas e necessidades básicas da comunidade afroamericana no Norte dos Estados Unidos, nos estados onde o Partido instaurava suas filiais.

Os negros que viviam nos estados do norte do EUA não estavam submetidos ao rigor da segregação preconizada pelas leis Jim Crow<sup>3</sup>, mas à restrições que naturalizavam a lógica da inferiorização racial. Havia intensa segregação residencial – sofriam racismo quando buscavam empréstimos hipotecários, assim, não conseguiam se mudar para bairros do subúrbio, majoritariamente brancos –, além de serem preteridos a cargos de empregos. Isso os sujeitou a habitar o que foi constituído como ‘guetos urbanos’, marcados por uma situação de pobreza e repressão, com metade da população em situação de desemprego e sub-emprego.<sup>4</sup>

Duas das principais perspectivas teóricas que auxiliaram o Partido a construir e efetivar suas ações no contexto em que estavam inseridos foram o nacionalismo negro e Poder Negro, ou *Black Power*; expressões de uma agenda política e ideológica que não mais esperaria por resoluções do estado americano, ou o que chamavam de “estrutura de poder branco”.<sup>5</sup>

Nesse sentido, o PPN representou uma nova figuração do ativismo social nos Estados Unidos, contestando os limites da democracia estadunidense e a capacidade das políticas integracionistas de sanar os danos de séculos de inferiorização racial a qual foram submetidos. O PPN, em diálogo com os movimentos raciais e de libertação nacional ao redor do mundo, reivindicou, também, a categoria do colonialismo para análise dos problemas que enfrentam nacionalmente, ao mesmo tempo em que se valeram da legislação nacional – enquanto puderam – para efetivar sua ação política e reafirmar os direitos civis já garantidos.

O surgimento dos Panteras e do recrudescimento das tensões raciais na década de

3 “As leis Jim Crow vigoraram no Sul dos Estados Unidos e em alguns estados fronteiriços de 1877 até meados da década de 1960. Essas leis mantinham a segregação racial após o fim da Guerra Civil. Inicialmente, as leis Jim Crow exigiam a separação de pessoas brancas e pessoas de cor em todas os tipos de transporte público e nas escolas. Eventualmente, a segregação se expandiu para incluir interação e inclusão em escolas, cemitérios, parques, teatros e restaurantes.” Mais informações disponíveis em: <<https://onlinellm.usc.edu/a-brief-history-of-jim-crow-laws/>>. Acesso em: 15/06/2019.

4 CARBONE, Valeria L. “*Sólo escucha lo que los Panteras están diciendo*”. Una historia del Partido de los Panteras Negras desde su visión y perspectiva. Revista EOLLES: “*El pasado como testimonio: Memoria de la Resistencia y Resistencias de la Memoria*”. Nº 9, 2018, p. 5.

5 CARMICHAEL, Stokely. HAMILTON, Charles V. *Poder Negro*. México: Siglo XXI Editores, 1967. p. 12.

1960, o campo de pesquisa referente ao *black studies* teve um crescimento de mais de 30% em universidades de São Francisco/Califórnia nos primeiros 4 anos de atuação do PPN, conferindo relevância à influência da organização e de suas ações dentro da Academia.<sup>6</sup> Muitos trabalhos acadêmicos foram escritos para entender como se desenvolveu a organização e os processos de enfrentamento ao racismo, e acredito que as transformações dos movimentos que defrontam problemas que persistem ao longo do tempo retornam a uma avaliação do passado para entender como lidar com essas questões. Toda especificidade deve ser considerada e analisada em seu contexto, mas há similaridades entre a situação da população negra por toda a América, e recorro especialmente do Brasil quando penso em violência policial, controle dos corpos e desigualdade social rompante.

Considero essa pesquisa relevante pois resgata conceitos e métodos que dizem respeito a identidades que, embora sejam dotadas de particularidades e tenham passado por transformações – que devem ser compreendidas a partir de determinado contexto – estão vivas e resguardam um elemento que as une. Entender as variantes do racismo ao longo do tempo e como a luta antirracista influenciou e influencia as populações negras de todo o mundo é um exercício importante para entender a efetividade de Estados que supõem serem democráticos e os desafios de construir políticas que ampliem direitos ou simplesmente preservem as liberdades e direitos já conquistados.

## **Capítulo 1 – Os Panteras em perspectiva: debates e categorias iniciais**

“Como os Panteras Negras mobilizaram tantas pessoas e assumiram graves riscos pessoais para lutar contra o racismo?”<sup>7</sup>

Essa é uma questão que vai permear as investigações sobre o Partido tanto na historiografia quanto na sociologia. Um grande volume do que foi escrito sobre a organização vem da análise de seus ex-integrantes, por exemplo, com a produção de biografias, como a de Angela Davis, em 1974, e Elaine Brown, ex-presidente do Partido, em 1992. Outras análises se concentram na personalidade dos membros mais famosos. Valeria L. Carbone, historiadora argentina, expõe que a historiografia geralmente classifica o PPN como um “giro radical” do

6 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. Prefácio: p. 349.

7 Ibid. Prefácio: p. xiv.

movimento pelos direitos civis, representado pelas posturas mais confrontuosas.<sup>8</sup>

Apesar das diferenças bem delineadas nos discursos, todo o empenho do ativismo no Sul dos Estados Unidos evidencia o “dilema americano, tornando patente as próprias contradições entre duas ordens sociais distintas da sociedade americana”<sup>9</sup>, que influenciou na pesquisa e escrita desta monografia.

Charles E. Jones<sup>10</sup> reuniu uma compilação de artigos com análises que, segundo o autor, “não objetivam endeusar os Panteras, mas oferecer uma alternativa crítica e balanceada à análise das suas atividades e política”. Para Jones, que escreveu na última década do século XX, os estudos sobre o PPN até o momento exalavam um desdém a respeito do Partido, conduzidos por interpretações que carregavam uma noção criminalizadora da organização.<sup>11</sup> Os Panteras Negras influenciaram toda a geração de ativistas e artistas após sua existência, ocupando as memórias que produzem cultura negra. Jones referencia música e literatura que exaltam o movimento negro e tomam os Panteras como exemplo de organização.<sup>12</sup> Para Jones, esse avivamento da memória influencia novos olhares e instiga novas análises sobre a organização política que permanece influenciando a comunidade afroamericana urbana, sobretudo nos Estados Unidos.

Joshua Bloom, sociólogo, e Waldo E. Martin, historiador, reconstroem a história dos Panteras, a política, os conflitos e seu desmantelamento, com propósito de entender as relações sociais de todos os agentes envolvidos nesse processo. Segundo os autores, o partido promoveu rupturas e interferências diretas que levaram tanto as questões sobre a situação dos negros como o ativismo antiguerra ao protagonismo do debate nacional, além de contar com apoio internacional de diversas organizações. A repressão ao Partido, além de contar com inúmeros procedimentos ilegais por parte do poder policial e político<sup>13</sup>, impulsionou os Panteras a fazer concessões a aliados mais moderados.<sup>14</sup>

8 CARBONE, Valeria L. “*Sólo escucha lo que los Panteras están diciendo*”. Una historia del Partido de los Panteras Negras desde su visión y perspectiva. Revista EOLLES: “El pasado como testimonio: Memoria de la Resistencia y Resistencias de la Memoria”. Nº 9, 2018. p. 5.

9 Ibid, p. 140.

10 Professor do departamento de Estudos Afroamericanos da Universidade de Georgia, reúne um compilado de artigos de historiadores, cientistas políticos e ex-Panteras Negras.

11 JONES, Charles E. *Reconsidering Panther History: The Untold Story*. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 12

12 Ibid, p. 2-3.

13 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. Prefácio: p. xiv; p. 348-349.

14 Ibid, p. 325.

O anti-imperialismo e o marxismo norteamericanos fortaleceram as alianças internacionais do Partido e coadunaram com a noção de nacionalismo negro. O que se entendia é que as coalizões aconteciam porque tanto o Partido como seus aliados estavam sob o jugo de uma estrutura capitalista que instrumentalizava o racismo para beneficiar as instituições de poder de certa parcela da população (o homem branco). Segundo Bloom e Martin Jr., a teoria marxista era incorporada de modos diferentes, em graus diferentes e em tempos diferentes, e de modo adequado à situação dos negros – era preciso “acreditar na validade de um modelo de pensamento (o materialismo dialético), não nas conclusões de uma pessoa (Marx)”.<sup>15</sup>

A influência de ativistas e pensadores, mais proeminentemente do século XIX, na construção do escopo ideológico do Partido, é inegável. Bloom e Martin Jr. resgatam a influência de W.E.B. Du Bois quanto a suas defesas anticolonialistas e pró-nacionalismo negro.<sup>16</sup> Já quanto a estratégias práticas, para Darryl Hugley, o conceito de *Black Power* era utilizado para a implementação da filosofia revolucionária do nacionalismo negro urbano, que propunha uma alternativa às respostas do integracionismo característico do Movimento dos Direitos Civis.<sup>17</sup>

Tento esmiuçar as informações que expus até aqui nas páginas seguintes, esclarecendo minhas escolhas por determinados termos e evidenciando as características que constituem o Partido.

### **1. 1. Categorias identitárias: Panteras na América, Panteras no mundo**

Compreender as categorias, nomenclaturas e rótulos que definem identidades implica entender que os sujeitos nacionais não são homogêneos. Além disto, este esforço de compreensão mostra que a atribuição de significados pode ser referenciada historicamente, sendo passível de ressignificações.

Ao longo da minha pesquisa notei a preponderância dos termos *African American* e *Black* tanto nas fontes primárias quanto na literatura revolucionária e historiográfica. Esses termos representam categorias identitárias distintas e, a partir das minhas análises, compreendi que os termos “afroamericano”<sup>18</sup> e “negro” (como tradução de *black*, para

15 Ibid, p. 310-311. A frase entre aspas é uma citação de Huey Newton feita pelos autores.

16 Ibid, p. 312

17 HUGLEY, Darryl Augusta. *The State of Black Nationalism in 21st Century Urban America*. 135p. Thesis for Master Degree in Southern Connecticut State University. USA. 2011. p. 66

18 Afroamericano e afroestadunidense são usados nesse trabalho como sinônimos.

descrever pessoas de pele negra) são pertinentes para se referir aos Panteras Negras na dualidade que se apresentam: tanto na compreensão de indivíduos que se relacionam, de alguma forma, à identidade americana, quanto no sentido de se identificarem como sujeitos negros em diáspora.

Pontuar questões sobre a diáspora é pontuar complexidades, pois envolve sensações/experiências de arraigamento a uma pretensa unidade indivisível. É como viver deslocado, como propõe Stuart Hall:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza e dos genes; impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança territorial.<sup>19</sup>

Conceber a vida em diáspora seria, então, viver um “hibridismo impuro”, marcado “pela subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação”.<sup>20</sup>

Para uma conceituação básica, “a identidade é relacional; depende, para existir, de algo fora dela: a identidade é marcada pela diferença, por outras identidades”.<sup>21</sup> Além disso, mesmo considerando o esforço que demanda a construção de uma identidade nacional, as diferenças entre os diversos grupos étnicos que compõem uma nação são invariavelmente acentuadas, por reivindicarem outras culturas e histórias em comum para demarcar suas particularidades e dissonâncias de um projeto nacional uniforme.<sup>22</sup>

Considerando a história dos Estados Unidos, aos indivíduos de descendência africana que chegaram a esse país foram atribuídos diferentes rótulos identitários<sup>23</sup> ao longo dos séculos. Alguns destes rótulos foram posteriormente reapropriados pela própria comunidade afro nos EUA, sendo os principais: *colored*, *negro*, *black* e *afroamerican*.<sup>24</sup>

19 HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 28.

20 Ibid, p. 45.

21 WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: TADEU DA SILVA, Tomaz; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 9

22 Ibid, p. 16.

23“Expressa informações sobre valores, atitudes, comportamento e histórias em comum”. In: SOLOMON, A. *What's in a Name? Understanding the Racial and Ethnic Labels Among People of African Descent*. Department of Communication. Jun., 2015. p. 6.

24 Ibid, p. 10.

*Colored*, “pessoas de cor”, classificava as pessoas tão somente pela cor da pele, sendo atribuído também a latinos e asiáticos que viviam nos EUA (todos que não eram caucasianos), do século XIX a meados do século XX.<sup>25</sup> *Negro* foi utilizado especificamente para pessoas de pele negra, amplamente utilizado por proprietários de escravos, mas posteriormente apropriado por figuras simbólicas do nacionalismo negro, como W. E. B. Du Bois e Marcus Garvey. Garvey popularizou o termo com a criação da *Universal Negro Improvement Association*, em 1920:

Por um breve período, o termo 'Negro' ocupou aproximadamente o mesmo lugar na vida negra que as palavras 'Preto' e 'Afro-americano' ocupam hoje. Em outras palavras, era um termo de militância, usado conscientemente por homens negros que afirmavam desafiadoramente seu orgulho de raça.<sup>26</sup>

O termo *Black* também passou a ser utilizado com forte conotação militante, sobretudo a partir dos anos 1960, não obstante foi escolhido para dar o nome do *The Black Panther Party* e está historicamente entrelaçado ao movimento *Black Power*, que exalta as características fenotípicas das pessoas de pele negra.<sup>27</sup> Por fim, a designação *African American* ou *Afro American* reverberou mais a partir dos anos 1980. Esse termo delimita mais claramente o apelo a uma identidade cultural, para além da identidade racial, ou seja, “os afroamericanos que viviam nos Estados Unidos tinha raízes ancestrais na África e compartilhavam da cultura americana”<sup>28</sup>, seus valores, códigos sociais, língua etc. Por um lado, o termo distinguia as experiências das diversas populações afrodiaspóricas e pretendia um reconhecimento enquanto cidadão estadunidense; por outro lado, o termo também sofre resistência justamente pela carga “integracionista” que carrega – para alguns, *black* assume um sentido de reconhecimento racial, mais urgente, e que ultrapassa fronteiras nacionais.<sup>29</sup> O fato é que nenhum desses termos é fixo em suas significações, cuja transformação pode

25 Ibid, p. 11

26 BROWN, T., TAYLOR, R. J., THORNTON, M. *Correlates of Racial Label Use Among Americans of African Descent: Colored, Negro, Black and African American*. In: RACE & SOCIETY, 2000, Vol 2, N. 2. p. 152.

27 Ibid, p. 153.

28 SOLOMON, A. *What's in a Name? Understanding the Racial and Ethnic Labels Among People of African Descent*. Department of Communication. Jun., 2015. p. 12.

29 BROWN, T., TAYLOR, R. J., THORNTON, M. *Correlates of Racial Label Use Among Americans of African Descent: Colored, Negro, Black and African American*. In: RACE & SOCIETY, 2000, Vol 2, N. 2. p. 154.



ocorrer por consequência de “mudanças sociais que provocam transformações nas escalas global, nacional e na arena política”.<sup>30</sup> As identidades, como lembra a historiadora Cecília Azevedo, são território em disputa:

(...) A tradição ou herança — termo muito utilizado por correntes conservadoras a partir da década de 1950 — nacional, longe de ser o resultado do amálgama das tradições locais, deve ser compreendida a partir das apropriações particulares ou seletivas do dito *credo* americano ou pelas diferentes regiões e comunidades políticas.<sup>31</sup>

O Partido dos Panteras Negras, como comunidade política, carrega em sua essência a complexidade de quem assume as identidades *negra* e *afroamericana*, transitando entre o rompimento e a constante disputa com essas correntes nacionais tradicionais.

## 1. 2. Gênese, influências, repressão e ação política

O Partido dos Panteras Negras originou-se da indignação coletiva de dois universitários com a situação econômica, política e social que afligia a comunidade afroamericana urbana, desde a precarização dos guetos à constante e sistemática violência policial. No final da década de 1950, aponta Valeria Carbone, “quase metade das famílias de Oakland vivia abaixo da linha da pobreza ou apenas alcançava o mínimo para subsistência, sendo metade da população negra desempregada ou subempregada”.<sup>32</sup>

O movimento histórico para a liberação negra transcendia as dificuldades da região Sul do país, marcada pela consciência escravagista do século XIX, para os centros urbanos do Norte, assolados por profunda desigualdade social e econômica. A constante violência policial e a incapacidade do poder público de prover soluções mínimas aos problemas que os negros enfrentavam tornaram o nacionalismo negro uma abordagem necessária, para muitos líderes afro-americanos, para finalmente superar as opressões desse grupo que, em muitos casos,

30 WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: TADEU DA SIVA, Tomaz; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 28.

31 AZEVEDO, Cecília Silva. “Culturas políticas e lugares de memória: batalhas identitárias nos EUA”. In: Azevedo, Cecília; Knauss, Paulo; Quadrat, Samantha; Rollemberg, Denise. (Org.). *Cultura política, memória e historiografia*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2009. p. 468-469.

32 CARBONE, Valeria L. “*Sólo escucha lo que los Panteras están diciendo*”. Una historia del Partido de los Panteras Negras desde su visión y perspectiva. Revista EOLLES: “El pasado como testimonio: Memoria de la Resistencia y Resistencias de la Memoria”. Nº 9, 2018.



migravam do Sul para o Norte em busca de melhores condições de vida.<sup>33</sup>

O Movimento por Direitos Civis pavimentou o caminho para que uma gama de ativistas e jovens se conscientizassem a respeito da situação discriminatória que era respaldada por governos locais, estaduais e federal. Esse movimento, de influência religiosa, era caracterizado pelas ações de desobediência civil e resistência pacífica. A socióloga Angela Paiva demarca a diferença que define, basicamente, os momentos distintos do ativismo afroamericano:

Nesse processo eles não propunham divisão ou ruptura; estavam pedindo para serem incluídos na sociedade mais ampla a fim de serem capazes de compartilhar os direitos civis e políticos que lhes eram assegurados pela Constituição americana. E essa foi uma das grandes forças do Movimento dos Direitos Civis: seus líderes religiosos não pregavam nenhuma dissidência, como fazia Malcolm X na mesma época, ou um projeto de ruptura, como faria Carmichael, a partir de 1965.<sup>34</sup>

Stokely Carmichael, que ocupou o cargo de primeiro-ministro do Partido nos anos iniciais, foi um personagem que transitou por organizações do movimento negro que apregoavam abordagens distintas.<sup>35</sup> Em 1967 ele definiu Poder Negro, junto a Charles Hamilton, no livro que foi de grande relevância referencial para a constituição ideológica da organização. Era necessário que a população negra conhecesse sua história e suas raízes para valorizar a herança cultural que há séculos fora demonizada e suplantada, em detrimento dos signos culturais europeus e ocidentais.

Propomos definir e incentivar uma consciência nova entre as pessoas negras (...), que poderíamos tratar como um sentido de coletividade racial: orgulho, e não vergonha, da negritude, e uma atitude de irmandade e responsabilidade comum entre todas as pessoas negras. (...) Só quando os negros adquirirem plenamente esse sentimento de comunidade, de

33 HUGLEY, Darryl Augusta. *The State of Black Nationalism in 21st Century Urban America*. 135p. Thesis for Master Degree in Southern Connecticut State University. USA. 2011. p. 6

34 PAIVA, Angela R. *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Novos valores religiosos: referência para o exercício da cidadania. p. 137.

35 Carmichael nasceu em Trinidad e se mudou para Nova Iorque na década de 1950. Integrou o *Student Nonviolent Coordinating Committee*, organização pacifista engajada pelos Direitos Civis, e participou das primeiras manifestações *Freedom Riders*. Posteriormente se afasta da proposta não-violenta para a de autodefesa. Informações disponíveis em: <[snccdigital.org/people/stokely-carmichael](http://snccdigital.org/people/stokely-carmichael)>. Acesso: 09/12/2019.

autoidentidade, podem começar a tratar com eficácia o problema do racismo no país (...)”<sup>36</sup>

O nacionalismo negro influenciou o *Black Power*, representando uma dinâmica de organização social que, desde o início do século XX, centralizou a importância da realidade do povo negro para pensar e mobilizar ações de transformações. Em meados do mesmo século, a influência do nacionalismo negro se intensificou como uma crítica ao assimilacionismo de alguns ativistas dos direitos civis, integração que seria definida sempre de acordo com o entendimento da população branca e suas instituições de representação, sobretudo nos Estados Unidos.<sup>37</sup>

Nesse sentido, o nacionalismo negro fundamentalmente propunha uma unidade solidária entre toda a população negra. W.E.B. Du Bois e Marcus Garvey foram dois dos principais nomes da luta nacionalista negra na América (continente) no início do século XX. Garvey nascera na Jamaica, liderou organizações e associações internacionais para pensar propostas de melhoria da situação dos negros em todo o mundo. Imigrante e afro-americano ao mesmo tempo, talvez seu nascimento fora dos Estados Unidos tenha favorecido sua percepção mais global da situação dos negros.<sup>38</sup> A partir da década de 1950, figuras como Malcolm X, o próprio Stokely Carmichael (que posteriormente passou a se chamar Kwame Ture) e Eldridge Cleaver – os dois últimos ocupariam cargos ministeriais no Partido – influenciaram as diretrizes ideológicas do Partido por serem talentosos oradores que clamavam por uma mudança na perspectiva e nas ações, uma mudança que passaria pela rejeição dos signos culturais europeus e ocidentais em favor de uma maior exaltação das origens africanas e da formação de um orgulho negro.<sup>39</sup> Todos eles defendiam, basicamente, o engajamento da comunidade em torno de suas próprias construções e lideranças.

Esses ativistas conseguiam reunir centenas e até milhares de pessoas, negros e brancos, para escutá-los. As ideias de transformações revolucionárias reverberavam rapidamente e aos poucos angariavam apoio de toda a esquerda estadunidense. O crescimento do apoio das atividades do Partido passou a ser uma preocupação nas instituições de

36 CARMICHAEL, Stokely. HAMILTON, Charles V. *Poder Negro*. México: Siglo XXI Editores, 1967. p. 4; p. 44.

37 HUGLEY, Darryl Augusta. *The State of Black Nationalism in 21st Century Urban America*. 135p. Thesis for Master Degree in Southern Connecticut State University. USA. 2011. p. 6.

38 Ibid, p. 21-24.

39 Ibid, p. 29-30.

segurança nacional, assombradas pela paranoia da Guerra Fria – sobretudo o FBI, que criou um programa de repressão e vigilância de movimentos sociais.

O programa de inteligência do FBI (COINTELPRO) para “quebrar e neutralizar” as atividades do Partido, ao qual se referiam como *Black Nationalist Hate Group*, enfraqueceu e posteriormente provocou uma ruptura que seria determinante para o desempenho do PPN. O COINTELPRO foi criado em 1967 com a intenção de prevenir violência de grupos extremistas, mas algumas táticas do FBI contra os Panteras Negras tinham exatamente o objetivo oposto, isto é, promover violência e sentimento de desconfiança e animosidade dentro do Partido. Estas táticas incluíam espionagem por infiltração de agentes, cartas com conteúdos falsos etc.<sup>40</sup> Um memorando de dezembro de 1969 escrito pelo programa de inteligência para o diretor do FBI em São Francisco, Califórnia, relata um plano para produzir cartas com conteúdo falso que ordenavam a expulsão de membros do Partido:

**Letter to SAC, San Francisco**  
**RE: COUNTERINTELLIGENCE PROGRAM**  
**BLACK NATIONALISTS - HATE GROUPS**  
**RACIAL INTELLIGENCE**  
**BLACK PANTHER PARTY (BPP)**



**NOTE:**

San Francisco has submitted a counterintelligence proposal which involves the mailing of expulsion letters to approximately sixty members of the BPP in various parts of the United States as a disruptive measure. The letters are to be prepared on BPP stationery with the simulated signature of a BPP national official. The laboratory has prepared similar reproductions of BPP stationery and officials signatures in the past. As pointed out in this letter, we need additional information before going ahead with preparation of the letters. For information, copy of letterhead stationery is attached to this yellow.

Figura 1. Freedom of Information Act: Federal Bureau of Investigation (FBI).  
 Assunto: COINTELPRO. Black Extremist. Section 15. page 2, 1969.

A proposta requeria o envio de e-mails com cartas de expulsão para aproximadamente sessenta membros do Partido, em várias filiais pelos Estados Unidos, como uma medida disruptiva. Simulariam a assinatura dos documentos oficiais do PPN e as

<sup>40</sup> Informações obtidas pelo site da Biblioteca Digital de Segurança Interna dos Estados Unidos. Documento “Figura 1” está disponível em: <<https://www.hsdl.org/?abstract&did=479831>>.

reproduziriam no laboratório do FBI. As informações necessárias eram obtidas, na maioria das vezes, por meio de espiões que se infiltraram no Partido.<sup>41</sup>

O fato de um canal de informação oficial dos Estados Unidos, como a Biblioteca Digital de Segurança Interna, tenha publicizado documentos comprovando que o Estado atuou para orquestrar contendas na organização é reflexo de uma mudança de paradigma que a pesquisa histórica e sociológica contribuiu para fundamentar.

A bibliografia especializada sugere duas causas principais para explicar as rupturas no Partido. Por um lado, a constante repressão externa, como visto acima, potencializava as tensões da organização, e, por outro lado, a cooperação entre os membros era limitada, devido à dificuldade de “definir as transgressões aceitáveis” dentro da política insurgente que o Partido adotava.<sup>42</sup> De fato, Bloom e Martin Jr., identificam não dois, mas três fatores que acentuaram as tensões na organização, após cinco anos desde sua criação, a saber: as atividades do FBI para vilipendiar o máximo os membros e os serviços oferecidos; a dificuldade de lidar com o crescimento do Partido, que gerou conflitos sobre quais caminhos seguir dentro das possibilidades de insurgir contra o Estado ou fazer parte dele, crescendo nacionalmente e viabilizando um processo eleitoral e, por último, o fato de que alguns aliados do partido se viam representados pelas políticas implementadas pelo governo estadunidense, se afastando da retórica revolucionária que construíram e conseqüentemente gerando menos apoio. A normalização das relações internacionais dos EUA com alguns países africanos e asiáticos, por exemplo, contribuiu para enfraquecer as alianças internacionais do PPN.<sup>43</sup>

Os embates entre Estado e PPN marcam o movimento afroamericano por direitos e a identidade desses sujeitos diante de políticas que os aprisionava a uma lógica racista. Entretanto, a pluralidade que configurava as questões que mobilizavam o Partido, incluindo suas dissonâncias, representavam um movimento vivo, que buscou orquestrar, até onde foi possível, projetos políticos ancestrais e práticas viáveis de manutenção da comunidade negra no período em que vigorou. De tendência revolucionária, impulsionaram uma onda de solidariedade a partir da qual muitas pessoas abriram mão de prerrogativas individuais para

41 A imagem e outros arquivos estão disponíveis no endereço eletrônico do FBI. THE FBI FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. FBI Records: The Vault. The Black Panther. 1969. Disponível em: <<https://vault.fbi.gov/Black%20Panther%20Party%20>>. Acesso em: 23/09/2019.

42 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 342.

43 Ibid, p. 366.

construir o coletivo. Há que se considerar que, apesar do ideário que o Partido sustentou sobre “viver uma experiência colonial”<sup>44</sup>, a construção do movimento afroestadunidense constituiu um esforço de tornar legítima sua identidade e suas necessidades e de ter o reconhecimento de uma cidadania garantida pelas leis da nação. O nacionalismo e o Poder Negro foram instrumentos para lograr o reconhecimento, apesar das dificuldades que os negros enfrentam até hoje no país.

A ação política do Partido se concentrou em construir e fortalecer redes de engajamento, autodefesa e subsistência diante desse contexto de desigualdades e perseguições que há séculos já encarcerava e condenava ao crime a população negra. Isso incluiu a formulação de algumas propostas e programas efetivos que correspondessem às necessidades da comunidade afroamericana.

### **1. 3. “*Survival Programs*”: construção de solidariedade como resistência política**

A existência dos programas de sobrevivência deve ser entendida como estratégia fundamental para angariar apoio da população e confiança nos métodos do Partido. Representavam a construção de um forte vínculo entre os Panteras e a classe trabalhadora negra, pois os programas foram pensados para satisfazer necessidades materiais básicas; um modo de providenciar resoluções efetivas para os problemas sociais que geravam a disparidade entre negros e brancos. O argumento principal, defendido por Huey P. Newton, era que “para que uma transformação revolucionária pudesse ocorrer na América, as pessoas deveriam, primeiramente, possuir uma base de sustentação para sua resistência”.<sup>45</sup>

Bobby Seale, em nome do Partido, defendia o caráter revolucionário, e não simplesmente assistencialista, dos programas:

Muitas pessoas não compreendem a política desses programas; algumas pessoas tendem a chamá-los de programas reformistas. Eles não são

44 O Partido defendeu que a população negra urbana nos Estados Unidos viviam em situação de colônia sob métodos correlatos à colonização de africanos e asiáticos na Europa. A força policial que ocupava os bairros negros nos EUA eram “à moda” da ocupação militar dos EUA no Vietnã, representando o legado da formação política e do sistema econômica americano que se apropriou violentamente das terras das populações nativo-americanas e explorou o trabalho escravo de africanos. In: HAYES, Floyd. W., KIENE, Francis. A. “All Power to The People”: The Political Thought of Huey P. Newton and The Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998, p. 165.

45 Tradução livre. Ibid, p. 161.

reformistas, são, na verdade, programas comunitários revolucionários. Programas revolucionários são estabelecidos por revolucionários, por quem quer alterar o sistema existente por um sistema melhor (...).<sup>46</sup>

Os serviços construídos comunitariamente tiveram quatro implicações importantes para os objetivos dos Panteras: em primeiro lugar, os programas conseguiram amplo respaldo e apoio das populações negra, branca e de outras pessoas de cor, o que contribuiu para materializar a noção da importância das idealizações coletivas; segundo, promoveram uma educação política a essas comunidades, uma vez que o sistema capitalista advogado pelo estado americano não era capaz de prover o básico para essa população; terceiro, ressaltaram a importância de valorizar as mudanças edificadas pela base, tendo como exemplo o próprio Partido, uma organização que orientava sua política considerando o bem-estar da classe trabalhadora negra e, último e quarto ponto, os serviços popularizaram os Panteras e solidificaram uma base de apoio ao Partido mesmo nos momentos mais complicados e tensos da sua história, quando enfrentaram uma intensa onda de repressões do estado americano.<sup>47</sup>

As considerações do parágrafo acima refletem a instrumentalização dos princípios do *Black Power*, que pretendiam concretizar uma consciência pela autodeterminação e pela efetivação dos laços de solidariedade da população negra, como expresso pelos teóricos do Poder Negro:

A meta da autodeterminação e da autoidentidade negra é a participação plena no processo da adoção de decisões que afetam as vidas negras e o reconhecimento de suas virtudes enquanto negros.<sup>48</sup>

Os programas eram respostas eficientes às demandas da população negra que recorria ao Partido sempre que se via frustrada pelo desamparo do governo estadunidense. Suas necessidades básicas como roupas, comida, moradia e serviços eram levadas até os Panteras.

46 ABRON, JoNina M. “*Serving the People*”: The Survival Programs of the Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 178.

47 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 196.

48 CARMICHAEL, Stokely. HAMILTON, Charles V. *Poder Negro*. México: Siglo XXI Editores, 1967. p. 53.



Selected Survival Programs of the Black Panther Party, 1966–1982	
Program	Year Initiated
1. Intercommunal News Service ( <i>Black Panther</i> )	1967
2. Free Breakfast for School Children	1968
3. Petition Campaign—Referendum for Decentralized Police Departments	1968
4. Liberation School/Intercommunal Youth Institute	1969
5. People's Free Medical Research Health Clinic	1970
6. Free Clothing Program	1970
7. Free Busing to Prisons Program	1970
8. Seniors Against Fearful Environment (S.A.F.E.)	1971
9. Sickle Cell Anemia Research Foundation	1971
10. Free Housing Cooperative Program	1971
11. Free Shoe Program	1971
12. Free Pest Control Program	1971
13. Free Plumbing and Maintenance Program	1971
14. Free Food Program	1972
15. Child Development Center	1972
16. Free Ambulance Program	1974

*Sources:* Black Panther Party, ed., *The Co-Evolution Quarterly* 3 (1974); G. Louis Heath, ed., *Off the Pigs: The History and Literature of the Black Panther Party*; Kit Kim Holder, "The History of the Black Panther Party, 1966–1971: A Curriculum Tool for African-American Studies;" Daniel Joseph Willis, "A Critical Analysis of Mass Political Education and Community Organization as Utilized by the Black Panther Party As a Means for Effecting Social Change."

Figura 2. Black Panther Party [Reconsidered]. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998.

Seleciono alguns programas para ressaltar que foram e são amplamente entendidos como decisivos e relevantes nas análises que reconstituem a história do Partido. Um exemplo importante desta relevância era o alcance do o serviço de café da manhã gratuito para crianças, criado em setembro de 1968. Esse serviço expandiu para diversas cidades no país e resistiu à prisão de diversos líderes do PPN. Sustentado principalmente por meio de doações e amplamente apoiado, o programa de alimentação fomentou o debate sobre os limites de ação e a incapacidade (ou desinteresse) do governo estadunidense de executar planos de combate à pobreza e à fome.

Os cafés da manhã gratuitos estavam no centro da organização ideológica do Partido, pois acreditavam que as crianças não poderiam se educar de barriga vazia. Esse serviço alavancou o nome do Partido nacionalmente, uma popularidade que contribuiu para que a

organização ocupasse o ranking de principais inimigos do Estado americano segundo o FBI.<sup>49</sup>

**STATEMENT**  
BIG MAN  
TER OF INFORMATION  
**AND WHYS OF A  
CHILDREN PROGRAM**

It for children is just one being carried out by the y that can be attributed Huey P. Newton, organ- of Defense of the Black , that the Party must go ic desires and needs of ys the Party is an oxon people.

y ridden by the people? y breakfast program is ximately 6:00 a.m. every t tables, clean facilities, the food, they serve the affic to see that the chil- sets safely. After a day's completed the Panthers nt task of procuring food y what do business in the that the program is con- th the necessary food.



*Panther Power*



*Preparing properly for school*




*Right On*



*Free breakfast is for all children.*

children program? The stion need be answered along to the upper or so-. The majority of Black, Orientals and poor ir American experience ie to obtain and sustain one has to attend school



*Whatever we do is to serve the People*



*Sisters on their job*

ew that these conditions American school system alleviate them. Validity Huey's knowledge by the breakfast program has fire across the United k Panther Chapters and



fast for children pro- c program, designed to institutions in a society o serve the masses, not In America this program capitalist America any bsolutely free is con- s. The Black Panther rd organization and a n educates by example. Party is educating the at they have a right to i technology and human e. gs to all the people."

Figura 3. The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. III, n. 1, 1969. “Café da manhã gratuito para todas as crianças”; “O que nós fazemos é servir as pessoas”.

49 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 185-186.



Outro programa essencial foram os serviços gratuitos para assistência a saúde. Os Panteras firmaram parcerias para alugar espaços onde pudessem estabelecer clínicas populares, nas quais atendiam a todos que chegassem, brancos e negros. Isto fortalecia o sentimento solidário para além da comunidade negra e ampliava a confiança nas políticas dos Panteras. O serviço contava com a mão de obra voluntária de diversos médicos, estagiários e enfermeiros, e foi expandido para cidades no Kansas, em Seattle e em Chicago.<sup>50</sup> Os programas de controle de pestes (ratos, mosquitos ou percevejos), o serviço de ambulância, as clínicas de pesquisas médicas, a fundação para pesquisa em anemia falciforme e as iniciativas que combatiam o abuso de drogas (incluindo o tratamento e a reabilitação de ex-viciados) constituíam os esforços institucionais para resolver o desprovimento quanto a políticas de saúde pública nacional. Bloom e Martin Jr. afirmam:

A defesa de uma assistência pública a saúde para pessoas negras revelou o profundo comprometimento a uma perspectiva holística de saúde que significava cuidar do ambiente e do físico. Para o Partido, tanto o bem-estar individual dos corpos negros quanto o coletivo refletia o bem-estar geral de uma organização política negra. O ativismo político negro e o ativismo negro pela saúde pública estavam entrelaçados.<sup>51</sup>

Ainda havia serviços de distribuição de roupas, sapatos, comidas para os mais vulneráveis, assistência aos familiares de pessoas encarceradas, e centros educacionais, que tinham a finalidade de ‘empoderar’ a narrativa do Poder Negro e a história negra de emancipação e resistência. Não menos importante, eles disputavam, portanto, com o discurso oficial a narrativa sobre a eficácia do sistema capitalista e os efeitos realistas da liberdade americana.<sup>52</sup>

A fonte principal de nossa investigação, o *Black Community News Service*, faz parte deste quadro. O BCNS, posteriormente *Intercommunal News Service*, foi o primeiro serviço dos programas de sobrevivência criado pelo Partido, em 1967, e consistia num periódico para propagar e defender as ideias do Partido e os outros serviços, configurando um importante

50 Ibid, p. 187-188.

51 Ibid, p. 189.

52 Ibid, p. 190.

ponto de interação entre as filiais da organização nos outros estados.

Esses serviços de alimentação, saúde e comunicação foram ressaltados por mim porque reforçam a lógica de comunidade forte, unida e coesa. O modo como as informações circulavam, sobretudo o seu conteúdo, e o diálogo do Partido com a comunidade eram imprescindíveis pra ideia de sobrevivência, tal como os programas se apresentavam. Naquele momento, a ideia que se formava na cabeça das pessoas sobre as atividades do Partido podia os enfraquecer ou fortalecer – e conseqüentemente enfraquecer ou fortalecer a comunidade. O jornal expressa as transformações das ações do Partido e seu conteúdo é abordado com maior profundidade nos próximos capítulos.

## **Capítulo 2 – Panteras Negras, o Estado e as possibilidades de representação no *Black Community News Service***

Nós acreditamos que as cortes devem seguir a Constituição dos Estados Unidos de modo que as pessoas negras recebam julgamentos justos. A 14ª emenda da Constituição dos ESTADOS UNIDOS dá a um homem o direito de ser julgado por pares de seu grupo. Um par é uma pessoa com um acúmulo econômico, social, religioso, geográfico, ambiental, histórico e racial similar. Para fazer isto a corte será forçada a selecionar um júri da comunidade negra da qual o réu negro veio. Nós fomos e estamos sendo julgados por júris brancos que não têm nenhuma compreensão “do raciocínio do homem médio” da comunidade negra.<sup>53</sup>

Este trecho é o penúltimo ponto do programa geral que orienta a política do Partido dos Panteras Negras. Sendo o tema do encarceramento um debate que ressurgue frequentemente e um dos principais problemas que afligem os negros nos Estados Unidos, estudar a história do PPN resgata a importância de olhar para a lei máxima do país e cobrar o seu cumprimento. O PPN, ao oferecer apoio à população negra encarcerada, demonstrava que também se viam como cidadãos estadunidenses, e reconheciam a legitimidade da Constituição. .

53 Versão traduzida do item número 9 do Programa dos 10 Pontos do Partido dos Panteras Negras, de 1966. In: Revista InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais. Brasília. 2016. ano 2. v.2. n.1. O programa original pode ser consultado no endereço: <<https://www.marxists.org/history/usa/workers/black-panthers/1966/10/15.htm>>. Acesso em: 19/09/2019.

Esses princípios de justiça serão importantes para a análise da construção e afirmação da identidade afroamericana no período que delimitarei neste trabalho. Desde os primórdios da era dos Direitos Civis, nota-se as diferenças constitutivas dos movimentos sulistas, majoritariamente de classe média que demandavam ampliação dos direitos em estados juridicamente segregacionistas, e a nova vertente ativista que surge nos estados do norte, no contexto de uma repressão urbana e contemporânea, não obstante as medidas favoráveis à militância antirracista adotadas pelo governo federal.<sup>54</sup> O PPN se sobressai como organização política expressiva que não apenas cobrava medidas e reconhecimento do Estado, mas que por vezes assumia as funções de Estado com a prestação de serviços essenciais.

### **2.1. *Black Community News Service***

Ao longo deste trabalho utilizo algumas edições do jornal entre 1967 a 1971, mas neste capítulo eu foco em duas edições, de 1967 e 1971. Estas edições são fundamentais para analisar as complexidades que se apresentam na formação do próprio Partido, que transita entre a pressão por reconhecimento de direitos constitucionais e o esforço político e ideológico de advogar um rompimento com o sistema preconizado pelos Estados Unidos. Essa ambivalência influenciou conflitos internos no Partido, provocando rupturas que arrefeceram suas estruturas.

Antes de abordar o material, é relevante apresentar os debates metodológicos que me orientaram. O uso da imprensa como fonte torna-se mais rico a partir de reformulações e mudanças de paradigmas em relação aos métodos da historiografia contemporânea. Estas mudanças ampliaram o campo analítico, produzindo uma renovação da história política e uma valorização de representações dos estudos culturais.<sup>55</sup> Maria Helena Capelato, historiadora brasileira com notável produção científica sobre a imprensa brasileira, fez distinção entre uma imprensa mais tradicional e comprometida a respaldar interesses de grupos mais poderosos e uma imprensa mais contestadora, associada a movimentos socialistas e anarquistas, que apresentam uma análise que busca romper ou renovar valores hegemônicos. Isto é, ver o

54 HAYES, Floyd. W., KIENE, Francis. A. "All Power to The People": The Political Thought of Huey P. Newton and The Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 159.

55 DE LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 112-115.

BCNS como uma fonte imprensa tem uma cor diferente da análise de um New York Times, e mostra as possíveis brechas no entendimento da sociedade estadunidense no período.

A imprensa, nesse caso, atua como contraponto ao discurso oficial. Ainda segundo a autora, a investigação de materiais produzidos por movimentos sociais são eficazes como método para reconstruir a história desses grupos, além disso, “os discursos permitem acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social”.<sup>56</sup> É essa complexidade social que nos interessa quando olhamos para as fontes.

O *The Black Panther: Black Community News Service* foi o material institucional produzido pelos Panteras Negras, definido pelo Partido como um dos serviços que compõem os programas de sobrevivência implementados pelo Partido, como vimos. Editado por 13 anos (1967-1980) e criado em Oakland, Califórnia, o jornal, vendido a preço popular (25 cents) e às vezes distribuído gratuitamente, logo se tornou uma importante fonte de arrecadação de renda dos Panteras para gerir outros serviços e filiais em outros estados. Trata-se da “voz oficial” do Partido, que provia informações diversas sobre a organização e suas atividades, e se situava como imprensa dissidente, pois “desafiam relações de poder, instituições e políticas da ordem social existente”.<sup>57</sup> Começou a ser publicado mensalmente em abril de 1967 e passou a publicações semanais em janeiro de 1968; era vendido pelos membros do Partido diretamente para a comunidade, mas também chegava ao público universitário, ativistas da esquerda americana no geral, militantes de outras causas – pacifistas, socialistas, feministas – que os apoiavam.

Christian Davenport, pesquisador e professor de Ciências Políticas, fornece uma logística dos assuntos tratados no jornal: questões sobre a organização/agenda do Partido, informações sobre o sistema de justiça criminal (sobre os processos, condenações, julgamentos etc., sempre adotando uma posição combativa contra a política de encarceramento), assuntos culturais que enaltescessem a estética e a realidade dos negros (músicas, filmes, literatura, entre outras manifestações artísticas), informações sobre os serviços de saúde e educação, sobre a atuação da polícia e novos olhares sobre relações

56 O, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil. Coleção Repensando a História*. São Paulo: EDUSP. 1988. p. 10. O conteúdo entre aspas é da página 34.

57 DAVENPORT, Christian A. *Reading the “Voice of the Vanguard”*: A Content Analysis of The Black Panther Intercommunal News Service, 1969-1973. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 193.

sociais que influenciavam a vida do negro: questões de gênero, familiares, opressões sociais no geral, além de informações sobre empregos e condições habitacionais da comunidade.<sup>58</sup> Esse arranjo pode ser resumido em três eixos principais: o jornal como manual ou tutorial, seu foco na retórica política revolucionária e a valorização da estética negra.

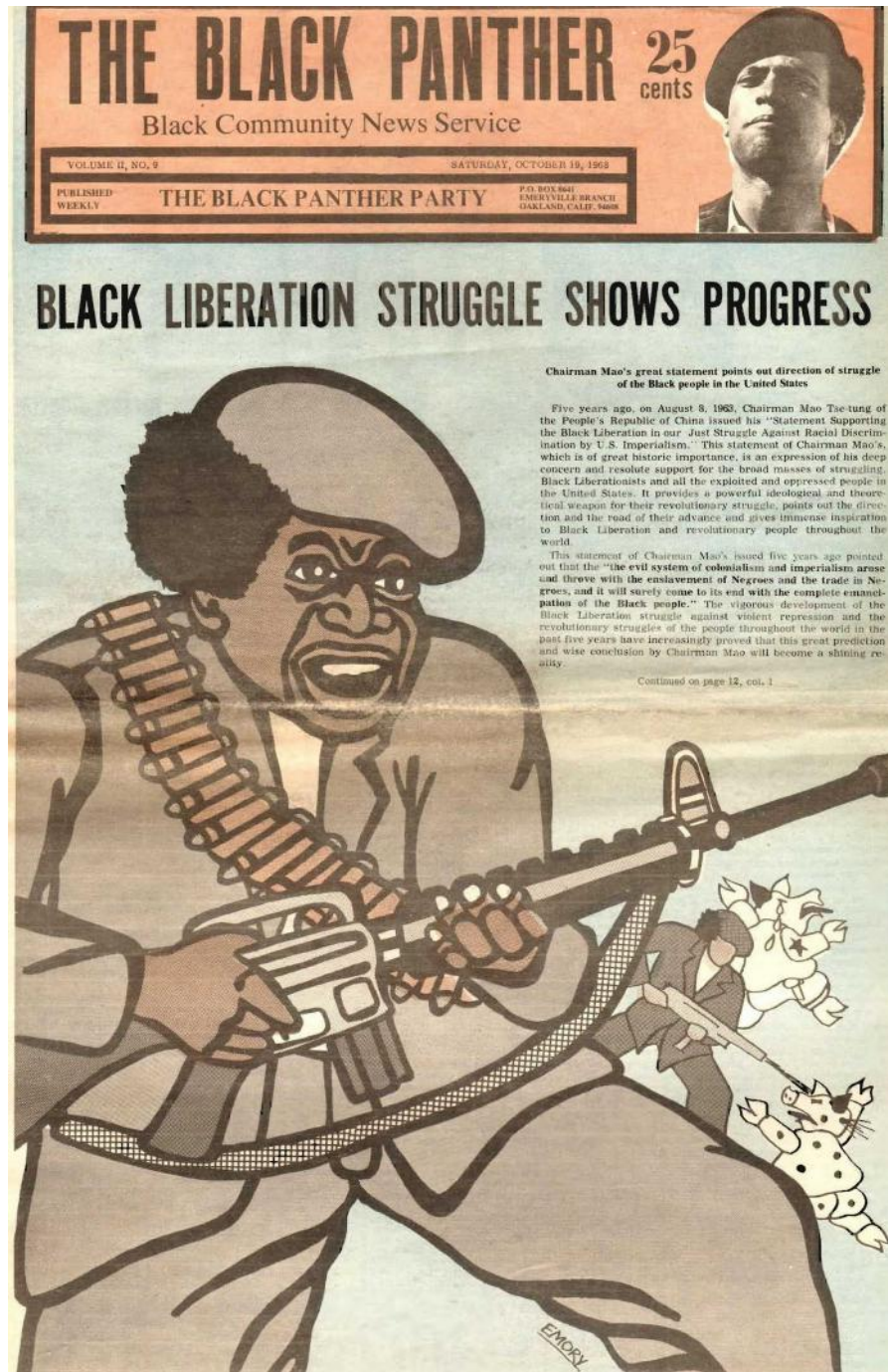


Figura 4. The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. II, n. 9. out. 1968.



Na figura 4 se nota os três eixos que acentuei acima: a estética que representa e exalta o homem negro como revolucionário, combatendo a figura policial representada como um animal sujo, o que também se relaciona com um manual de como se defender; a retórica aguerrida que associa a liberação dos afroamericanos da violência e do racismo com a liberação dos povos internacionais do colonialismo, bem como a solidariedade necessária entre eles.

Desse modo, o veículo de informação do PPN tinha como principal objetivo tornar expressiva a perspectiva comunitária e revolucionária que norteava a construção política do Partido e, conseqüentemente, seus programas. Essa orientação, que servia como um manual de consultoria à comunidade, sobre seus direitos e a quem podia recorrer quando tivesse necessidade, também era primordial como ferramenta de disputa política. Visou conquistar a população negra urbana, divulgar o programa principal, a divulgação de serviços e de informações úteis à realidade do público, e propiciar o surgimento de um sentimento de cooperação e associação identitária.<sup>59</sup>

Conforme o Partido foi ganhando mais projeção internacional, o jornal destinava capas e notas diversas em apoio a causas de outros povos. Em 1971 o jornal muda da expressão *Black Community* para *Intercommunal*, indicando uma alteração da linha política, que antes se restringia à comunidade afroamericana para uma noção de solidariedade internacional. O capítulo 3 explica com maiores detalhes essas ideias e ligações.

## 2. 2. As representações

O projeto político do Partido se formou em resposta a um processo de exclusão e repressão social que existia fora do âmbito legal, em contraste com o que acontecia nos estados do Sul sob as Leis Jim Crow. Considerando o contexto pós-influência dos Movimentos por Direitos Civis, justifico o recorte da pesquisa e a escolha dos jornais porque, em 1971, houve uma ruptura na organização que resultou na expulsão de membros da filial do Partido em Nova York. A partir disso, foi posta em circulação uma edição do jornal com o título de “*Right On! Black Community News Service*”, editado pelo Comitê do Partido em Nova Iorque – um posicionamento dissidente no qual os membros expulsos expunham e

59 HAYES, Floyd. W., KIENE, Francis. A. “*All Power to The People*”: The Political Thought of Huey P. Newton and The Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 162.

rechaçavam, por meio de amplos editoriais assertivos, os critérios considerados para a expulsão. Esses conflitos serão abordados mais amplamente neste capítulo, e denotam divergências históricas que permearam a construção do movimento negro e os caminhos propostos para combate ao racismo e busca pela legitimação da cidadania afroamericana.

accused of a misdemeanor. Why no

I hear from you I will keep constant communications by registered letter and telephone as to our activities. I plan to set up a chapter in Portland, Oregon, as well. Please answer by return mail. Please!  
Please! John H. Wilson  
Seattle, Washington

**POCKET**

THIS POCKET LAWYER IS PROVIDED AS A MEANS OF KEEPING BLACK PEOPLE UP TO DATE ON THEIR RIGHTS. WE ARE ALWAYS THE FIRST TO BE ARRESTED AND THE RACIST POLICE FORCES ARE CONSTANTLY TRYING TO PRETEND THAT RIGHTS ARE EXTENDED EQUALLY TO ALL PEOPLE. CUT THIS OUT, BROTHERS AND SISTERS, AND CARRY IT WITH YOU. UNTIL WE ARM OURSELVES TO RIGHTEDUSLY TAKE CARE OF OUR OWN, THE POCKET LAWYER IS WHAT'S HAPPENING.

**LAWYER OF LEGAL FIRST AID**

1. IF YOU ARE STOPPED AND/OR ARRESTED BY THE POLICE, YOU MAY REMAIN SILENT; YOU DO NOT HAVE TO ANSWER ANY QUESTIONS ABOUT ALLEGED CRIMES. YOU SHOULD PROVIDE YOUR NAME AND ADDRESS ONLY IF REQUESTED (ALTHOUGH IT IS NOT ABSOLUTELY CLEAR THAT YOU MUST DO SO). BUT THEN DO SO, AND AT ALL TIMES REMEMBER THE FIFTH AMENDMENT.

2. IF A POLICE OFFICER IS NOT IN UNIFORM, ASK HIM TO SHOW HIS IDENTIFICATION. HE HAS NO AUTHORITY OVER YOU UNLESS HE PROPERLY IDENTIFIES HIMSELF. BEWARE OF PERSONS POSING AS POLICE OFFICERS. ALWAYS GET HIS BADGE NUMBER AND HIS NAME.

3. IF YOU ARE STOPPED AND/OR ARRESTED, THE POLICE MAY SEARCH YOU FOR WEAPONS BY PATTING THE OUTSIDE OF YOUR CLOTHING. YOU CAN BE STRIPPED OF YOUR PERSONAL POSSESSIONS. DO NOT CARRY ANYTHING THAT INCLUDES THE NAME OF YOUR EMPLOYER OR FRIENDS.

4. DO NOT ENGAGE IN "FRIENDLY" CONVERSATION WITH OFFICERS ON THE WAY TO OR AT THE STATION. ONCE YOU ARE ARRESTED, THERE IS LITTLE LIKELIHOOD THAT ANYTHING YOU SAY WILL GET YOU RELEASED.

5. AS SOON AS YOU HAVE BEEN BOOKED, YOU HAVE THE RIGHT TO COMPLETE AT LEAST TWO PHONE CALLS - ONE TO A RELATIVE, FRIEND OR ATTORNEY, THE OTHER TO A BAIL BONDSMAN. IF YOU CAN, CALL THE BLACK PANTHER PARTY FOR SELF DEFENSE, AND THE PARTY WILL POST BAIL IF POSSIBLE.

6. YOU MUST BE ALLOWED TO HIRE AND SEE AN ATTORNEY IMMEDIATELY.

**JAMES DUNKLEY BAIL BONDS**

2943 CUTTING BLVD.  
RICHMOND, CALIFORNIA

**756-1662**

Figura 5. The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. 1, n. 3, jun. 1967.

O primeiro volume do BCNS já mostra o engajamento que o caracterizaria por toda a sua existência. Na figura acima, a nota é ilustrada com a imagem de uma arma e a manchete “Advogado de bolso – primeiros socorros legais”. Além de reivindicar o direito constitucional ao porte de arma e sustentar firme e amplamente uma das principais bandeiras do Partido nos seus anos iniciais, em seu conteúdo a nota elenca informações aconselhando uma pessoa negra em caso de intervenção policial: o que deve ou não fazer, sob proteção legal do Estado. Alguns dos pontos na imagem advertem, sumariamente: “1. se você for parado ou preso, lembre-se de se manter em silêncio. Não assuma quaisquer crimes que queiram lhe imputar.

Sempre recorra à 5ª emenda (constitucional);<sup>60</sup> 2. se um agente policial não estiver fardado ou identificado, peça sua identificação; 8. Se você for parado ou levado para a delegacia, você tem direito a duas ligações, sendo pessoas próximas ou advogados. Se isso acontecer, ligue para o Partido dos Panteras Negras e nós vamos fazer o possível para estar lá”.<sup>61</sup>

Essas advertências não significavam uma defesa do estado americano ou do sistema político e econômico vigente, mas reforçavam a utilização da Constituição para própria defesa. A implicação era que, enquanto cidadãos americanos, as pessoas negras possuíam plenos direitos, teoricamente, de recorrer às formulações jurídicas do Estado para se defenderem ou agirem.

A comunicação visual do jornal também era muito expressiva e servia para ressaltar imagens e artes afrocentradas. Na maior parte, as imagens eram idealizadas e desenhadas por Emory Douglas, artista, poeta e Ministro da Cultura do Partido.

60 “Ninguém pode ser responsabilizado por um crime capital ou infame, a menos que seja apresentado ou indiciado por um grande júri (...) nem será obrigado, em nenhum caso criminal, a ser uma testemunha contra si mesmo, nem ser privado de vida, liberdade ou propriedade, sem o devido processo legal (...)”. Trecho da 5ª emenda. Tradução livre. Disponível no website da Cornell Law School: <[https://www.law.cornell.edu/constitution/fifth\\_amendment](https://www.law.cornell.edu/constitution/fifth_amendment)>. Acesso em: 19/09/2019.

61 Tradução livre de alguns itens da figura 1.





Figura 6. The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. 1, n. 3, jun. 1967.

Na figura 6, vê-se a figura de um homem negro como guerreiro, nariz largo, lábios grossos, corpo robusto, demonstrando firmeza e aparente raiva, enquanto a figura de um porco, representando os policiais, está aos seus pés. Ao lado da imagem, um poema escrito por Douglas, conclamando a comunidade a retratar representações que correspondam à realidade do povo negro e as reconhecendo como coisas belas.

Como vimos anteriormente, os estudos sobre o Partido defendem que a decadência da organização ocorreu devido a muitos fatores, sendo os principais a intensa repressão política dos governos local, estadual e federal, erros ideológicos e estratégicos de lideranças

muito jovens e inexperientes, conflitos internos e o culto à personalidade.<sup>62</sup> As disputas internas são o fator ao qual darei maior ênfase, pois identifico que as rupturas que levam a dissidências e enfraquecimento do Partido enquanto unidade ou coletivo indicam as disputas históricas que regem os movimentos negros estadunidenses.

### 2.3. As disputas

Os conflitos que representam a dualidade que permeia a experiência afroamericana e, conseqüentemente, cruzam a política do PPN, ficam evidentes na edição do jornal do Partido, em abril de 1971, intitulada “*Right On! Black Community News Service*”. Identificada como primeira edição editada por dissidentes, que encontraram liderança na figura de Eldridge Cleaver, Ministro da Informação do PPN e exilado na Argélia, apresentou extensos editoriais expondo conflitos internos do Partido. Esses conflitos se iniciam, essencialmente, a partir de 1970, após Huey P. Newton, Ministro da Defesa e um dos principais líderes do Comitê Central do Partido, ter passado um ano encarcerado.

Quando Newton foi solto, esperava-se que resolvesse os conflitos que surgiram após o PPN estar sob comando de David Hillard, que ocupava o cargo de chefe dos funcionários do mesmo Comitê. Quando Newton saiu da prisão, inicialmente formulou propostas mais rígidas, que acentuavam uma perspectiva mais militarizada para o Partido, muito devido ao diálogo com os princípios de organizações internacionais de guerrilha e libertação nacional. Entretanto, meses depois Newton aderiu a um discurso e propostas mais moderadas, principalmente pelo propósito de manter o apoio de aliados local e nacionalmente. Essas propostas se encontram exemplificadas pelo reforço aos serviços e “programas para sobrevivência” oferecidos à comunidade.<sup>63</sup>

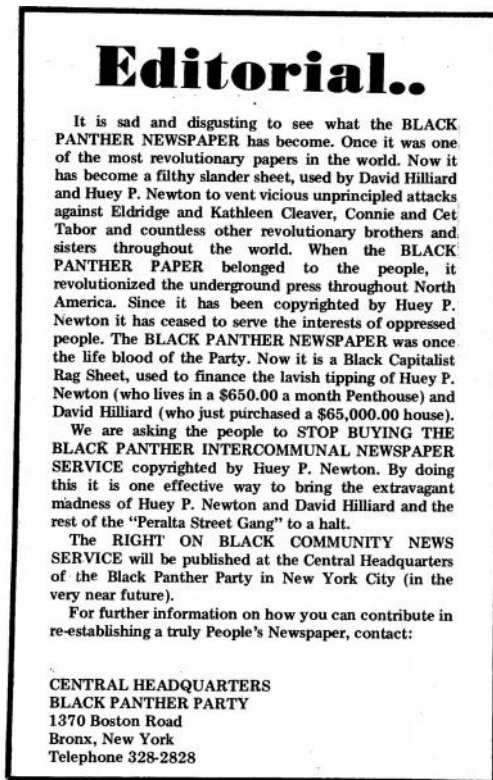
Outro evento que deu origem a conflitos internos, no início da década de 1970, foi a mobilização em torno da candidatura de Bobby Seale, presidente do PPN, e Elaine Brown<sup>64</sup>, a cargos municipais. A campanha eleitoral fez com que o Partido demandasse os esforços de membros de diversas filiais para trabalharem em prol desse evento, inclusive solicitando a

62 JOHNSON, Ollie A. *Explaining the Demise of The Black Panther Party: The Role of Internal Factors*. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 391.

63 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 353-354.

64 Elaine Brown ocupou a presidência do PPN de 1974 a 1977.

interrupção do funcionamento de alguns comitês para total engajamento com as candidaturas. Isso despertou muita controvérsia quanto à proposta inicialmente radicalizada do Partido, criando tensão entre os núcleos da organização que jamais acreditaram na via reformista de eleições.<sup>65</sup> Isso aprofundou a crise interna entre Huey Newton e Eldridge Cleaver, já explícita desde 1971.



FiFigura 7. Right On! Black Community News Service. Oakland, Califórnia, v. 1, n. 1, abr. 1971. p. 2.

A mensagem em “Editorial” é um comunicado que aponta arbitrariedades do Comitê Central e repudia as publicações do *Black Community News Service* da Califórnia. A publicação de um novo jornal na filial de Nova York representa o rompimento da filial com as diretrizes de Newton para o Partido. O editorial o acusa de ser um representante do “capitalismo negro” e orienta um boicote ao jornal publicado em Califórnia, advogando para si (o Comitê de Nova Iorque) a autenticidade e oficialidade que dão sentido às políticas do Partido.

65 JOHNSON, Ollie A. *Explaining the Demise of The Black Panther Party: The Role of Internal Factors*. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 393.



As disputas entre Newton e Cleaver davam-se, fundamentalmente, por causa das divergências metodológicas sobre as atividades e prioridades do Partido. Após a decisão de Newton de minimizar o engajamento em torno das pautas de autodefesa e militarização, Cleaver se opôs de modo contundente, pois acreditava e defendia uma organização revolucionária com ênfase no armamento e confronto direto para se defender das truculências policiais tão presentes nos Estados Unidos.<sup>66</sup> Os dois, naquele momento, representavam as figuras mais proeminentes e simbólicas da organização.

RIGHT ON! SATURDA

## Message to the 3rd World From The N.Y. Panther 21

considered "the preservation of law and order" by our enemy! When our enemy can find no real evidence of any "criminal" activity, he fabricates a "conspiracy" charge. Things have not in reality changed for Black people in this racist country since 1619 when we were first brought here in chains as slaves, let alone since 1663, when the first "conspiracy" charge was brought against us.

We of the New York "21" are not in jail for any acts, but because of our potential danger to AmeriKKKa. We are potentially dangerous because we have decided to align our behavior with our beliefs, and that does in actuality make us potentially dangerous to racist and oppressive AmeriKKKa. Therefore they had to attempt to stop us before we could really get together to begin to "conspire" — they feel that they must attempt to keep us contained at all costs — like no bail, 3 to 4 pending "indictments," prison officials promising us that we will be beaten to death, even though their star witnesses have sworn that they heard no one agree to do anything! We have decided to align our behavior with our beliefs — and that does in actuality make us potentially dangerous to racist and

oppressive = AmeriKKKa! Therefore they must attempt to stop us. But they will not, in the final analysis succeed, for we are but a small group of an ever-enlarging force developing in the Third World and even in the confines of AmeriKKKa that is saying NO MORE! to oppression. And history shows that wars against oppression are always in the final analysis, successful! And there will be a war, a true revolutionary war, a true Third World global revolutionary war! And no one — not AmeriKKKa nor us, nor anyone can stop it. But AmeriKKKa will try — that is why we are in jail. We will not compromise! We will not bend! We will not break! That is why we are in jail! We have sworn that this is the last generation of our people that will live in bondage and the first that will live in freedom! The enemy's proclamation of death is beneath our scorn! That is why we are in jail!

While sitting in prison, the "university of a revolutionary," we saw with increasing clarity the complete truth in Malcolm's statement: "It's impossible for a chicken to produce a duck egg, even though they both belong to the same family of fowl. This system cannot liberate us — this economic system, this political

system, this social system — impossible!" Therefore, we realized what had to be done, and how it must be done!

Now, Malcolm also stated: "You have all types of people who are fed up with what's going on. You have whites who are fed up, you have blacks who are fed up... So when the day comes when the whites who are really fed up... learn how to really establish the proper type of communication with those uptown who are fed up, and they get some coordinated action going, you'll get some changes."

We, the New York "21" don't claim to be the vanguard or the leadership of the revolution. We find our truths from experience, and we are still learning! But we feel that the Weather underground fit truly in a revolutionary manner with Malcolm's "whites who are really fed up," "like old John Brown," and are showing it in a progressive and revolutionary manner — and that we of the New York "21" — Black men and women "who are really fed up" — that we could establish the really proper type of communication with our revolutionary comrades — the Weather underground!

The Weather underground came out lately with a change in



Figura 8. Right On! Black Community News Service. Oakland, Califórnia, v. 1, n. 1, abr. 1971. p. 5

66 JOHNSON, Ollie A. *Explaining the Demise of The Black Panther Party: The Role of Internal Factors*. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. p. 400.

Nesta nota, os “21 Panteras de Nova Iorque” foram membros do Comitê de Nova Iorque e estavam presos desde 1969. Devido a crescentes críticas à direção nacional do Partido e a afiliação aos ideais revolucionários, se aproximaram da orientação de Eldridge Cleaver. As críticas se referiam à mudança de conduta de Newton quanto às políticas do PPN. Newton expulsou importantes nomes do Partido, que encontraram acolhimento em Cleaver. Outros membros desertaram por considerarem que o Partido se afastava de sua essência revolucionária e combativa. Dhoruba Wahad, um dos desertores, escreveu sobre sua decisão:

Nós estamos cientes das conspirações que emanam das mentes medrosas e cooptadas de Huey Newton e David Hilliard. (...) Tornou-se claro há quase um ano que David Hilliard estava minando o desejo dos companheiros de conduzir a luta do Partido para restringi-lo a organização de reuniões e comícios para angariar fundos/doações. É claro que mobilização das massas é importante e dinheiro é necessário para funcionar, mas o efeito que essas restrições têm na mente dos nossos irmãos e irmãs é aterrorizante... a obsessão com levantar fundos leva a uma dependência de classes inimigas do nosso povo... Essas contradições internas se desenvolveram ao ponto em que os membros do Partido se encontram em uma organização que vai se aproximando rapidamente do NAACP, que se dedicavam a modificar a escravidão no lugar de colocar um fim a todos os tipos de servidão.<sup>67</sup>

Ao se referir à NAACP, ou Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor<sup>68</sup>, Wahad expressa a contundente crítica que já foi mencionada anteriormente e exponho ao longo deste trabalho: o Partido dos Panteras Negras nasceu com o objetivo de superar as pautas e ações integracionistas e pacifistas de movimentos raciais anteriores. Vê-se no trecho destacado o ressentimento e a decepção de muitos membros do Partido que colocaram seus

67 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 361. Tradução livre.

68 A *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) foi criada em fevereiro de 1909 como uma alternativa liberal e progressista para buscarem resoluções contra a escalada de violência e desigualdade fundamentadas no racismo. A associação, criada no norte do país, “visava garantir a todas as pessoas os direitos garantidos nas 13ª, 14ª e 15ª emenda à Constituição dos Estados Unidos, que prometiam o fim da escravidão, a igual proteção da lei e o sufrágio universal masculino adulto, respectivamente. Conseqüentemente, a missão da NAACP era e é garantir a igualdade política, educacional, social e econômica dos cidadãos de grupos minoritários dos Estados Unidos e eliminar o preconceito racial. A NAACP procura remover todas as barreiras da discriminação racial através de processos democráticos”. Informações disponíveis no endereço da organização: <<https://www.naacp.org/nations-premier-civil-rights-organization/>>. Acesso em: 23/09/2019.

esforços na construção de uma organização e, mais uma vez, viram seus anseios de superar condições de desigualdades e repressões serem frustrados.

Em alguns trechos da mensagem da figura 4 se nota a influência de Malcolm X como ponto decisivo da mudança de perspectiva do movimento negro nos Estados Unidos, além do entusiasmo com que se advogava rumos de rompimento total com a lógica do Estado americano, em contraste com o que estava sendo proposto pelo PPN.

Da organização que formula programas que atendem necessidades básicas à expressividade dos conflitos em relação a quais caminhos de luta seguir, o jornal produzido pelo PPN constitui um material rico de significações sobre a história do Partido. O jornal tem em si os desafios e a pluralidade em que consistiam os projetos para superar a condição que o racismo impostos à população negra nos EUA. Sua política foi atravessada pela certeza de que queriam e podiam construir algo coletivamente e, ao mesmo tempo, por conflitos internos sobre a viabilidade das ações diante das condições legais do Estado. Esses conflitos nos proporcionam certa dimensão dos desafios que envolvem a elaboração de um sentido mais amplo de enfrentamento ao racismo e seus instrumentos de controle, que se fazem presente psicológica e materialmente na vida dos sujeitos que compõem a categoria racial. Os próximos capítulos são dedicados a compreender as intersecções com diversos movimentos e epistemologias anticoloniais e antirracistas.

### **Capítulo 3 – Vanguarda da periferia: convergência de ativismos em América, África e Ásia**

Os Estados Unidos na década de 1960 representavam o símbolo da altivez no Ocidente, liderando o bloco capitalista no contexto da Guerra Fria. Saiu fortalecido economicamente da Segunda Guerra e influenciou políticas de recuperação de diversos países da Europa. Ao mesmo tempo, essas políticas tinham um caráter mais agressivo devido às disputas do mundo dividido pela Guerra Fria. Desse modo, a América Latina e a África se tornaram alvos da ação estadunidense para frear ou liquidar quaisquer influências e mobilizações que aproximassem os países dessas regiões das doutrinas socialistas e comunistas.<sup>69</sup>

69 PAMPLONA, Marcos A. Revendo o sonho americano: 1890-1972. São Paulo: Atual, 1995. p. 80.

Através de programas como Aliança Para o Progresso e a Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional, ambos criados no governo John F. Kennedy, o governo estadunidense interferia em políticas econômicas externas. Conseqüentemente, para os países parceiros, aceitar os programas implicava respeitar as regras e interesses do governo americano. O interesse maior dos Estados Unidos era se manter preponderante e influente, norteando as políticas para o mundo capitalista.

Enquanto isso, na política interna o governo estadunidense se esforçava para estabelecer um sistema de maior inclusão de minorias, sobretudo os indígenas, hispânicos e as pessoas negras. Além dessa inclusão ser fruto das mobilizações dos ativistas por Direitos Civis, a preocupação em afastar o fantasma do comunismo se fazia presente em todas as frentes de ação do governo americano, porque essas comunidades não poderiam ficar desassistidas e propensas a recorrerem a soluções radicais.<sup>70</sup>

O surgimento e a popularização do PPN, entretanto, evidencia a incapacidade do Estado americano de atender as demandas por amplos direitos sociais de todas essas populações minoritárias. O Partido, então, se engajou em algumas redes que promoviam encontros entre organizações e líderes de frentes revolucionárias para discutir propostas políticas alternativas ao capitalismo, bem como a construção de uma rede de solidariedade internacional entre os povos e movimentos periféricos.

### **3.1. As associações entre América, África e Ásia**

Fundada em Cuba, em 1966, a *Organisation in Solidarity with the People of Africa, Asia and Latin America* (OSPAAAL), ou Conferência Tricontinental, envolvia o encontro de cerca de 80 países desses três continentes. Seus objetivos eram promover solidariedade entre as populações dessas localidades – outrora referenciadas como “Terceiro Mundo” –, e discutir e encontrar soluções que superassem suas reivindicações em comum enquanto regiões que se viam tão entrelaçadas pela luta contra dominação colonial/imperialista e antirracista.<sup>71</sup>

Cuba vivia o auge da revolução encabeçada por Fidel Castro e Ernesto Guevara e em disputa constante com os Estados Unidos. Os dois estados ocupavam uma extremidade do

70 Ibid, p. 84

71 National Museums Liverpool: Internacional Slavery Museum. Arts of Solidarity. Disponível em: <<https://www.liverpoolmuseums.org.uk/ism/exhibitions/art-of-solidarity/ospaal.aspx>>. Acesso em 07/12/2019.

espectro político da Guerra Fria nas Américas, sendo Cuba, junto com a União Soviética, uma das maiores preocupações dos EUA quanto à potencialidade da expansão do ideário socialista. A união de movimentos sociais e organizações de todo o globo que preconizavam o socialismo, especialmente dos três continentes supracitados, era uma soma de forças políticas pela disputa de projetos nacionais. Isto se mostrava urgente devido às diversas rupturas ocorrendo na década de 1960 por conta dos processos revolucionários de libertação nacional, representados pela própria Revolução Cubana, a Guerra do Vietnã, o Apartheid e a Guerra da Argélia.

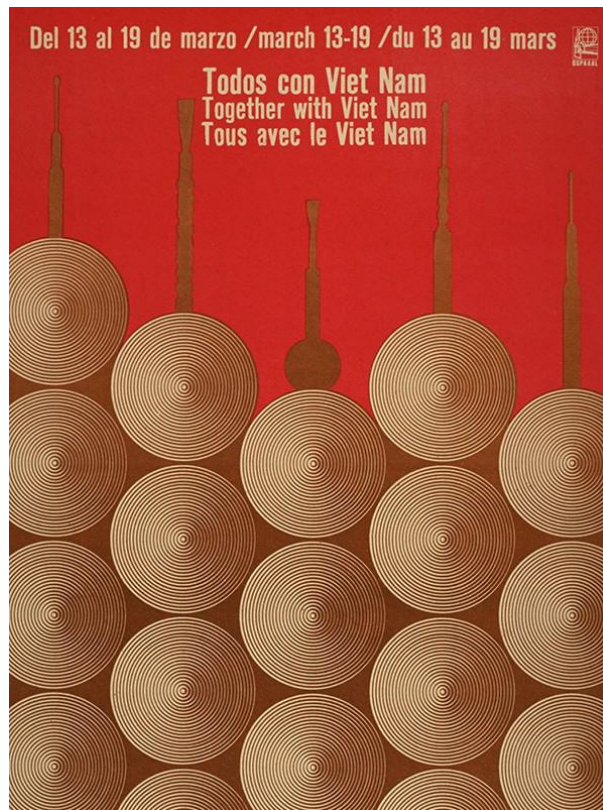


Figura 9. Todos con Viet Nam. Artista: Ernesto Padron.  
Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1971.





Figura 10. Africa. Artistas:  
Lazaro Abreu / Emory Douglas.  
Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1968.

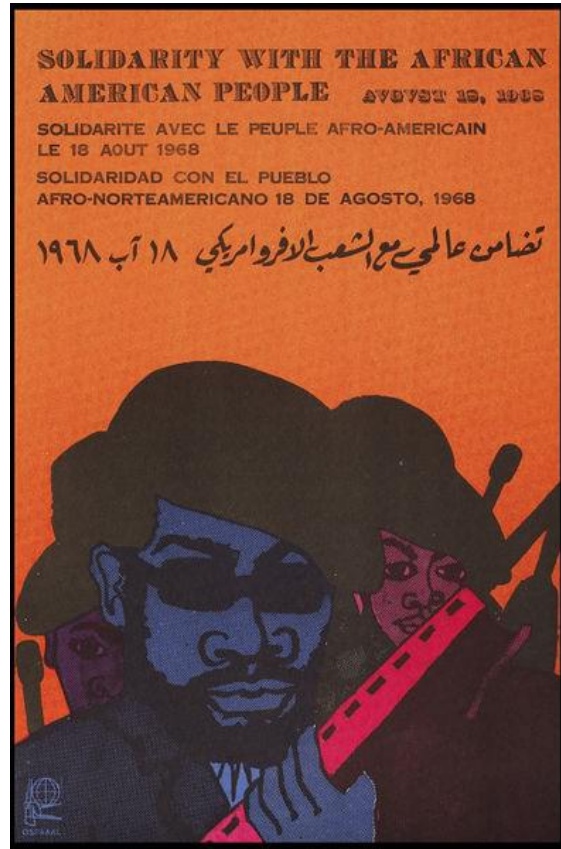


Figura 11. Solidarity with the African American People. Artistas: Lazaro Abreu / Emory Douglas.  
Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1968.

As imagens estampavam a revista cubana *Tricontinental*<sup>72</sup>, e apresentavam a estética de diversos artistas engajados com movimentos revolucionários. As duas figuras acima são registros de Emory Douglas, Ministro da Cultura do Partido dos Panteras Negras, e com o design do artista cubano Lazaro Abreu. As imagens ratificam a ideia de solidariedade entre as populações negras da África e América, que possuem pautas em comum quanto à demanda por libertação – seja do jugo colonial direto ou de políticas internas que as condenavam à subcidadania.

Em 1968, o ministro da Educação do Partido dos Panteras Negras, George Murray,

72 Criada a partir da Conferência Tricontinental, como “parte da missão dos revolucionários que compunha a organização”. Havia um cartaz em ilustrativo de cada edição da revista. Informações disponíveis em: <<https://www.apollo-magazine.com/cold-war-cuba-ospaaal-posters/>>. Também há inúmeras imagens da revista no endereço <<http://www.ospaaal.com/>> Acesso em: 07/12/2019.

compareceu em Cuba para a Conferência OSPAAAL. Na época, Huey Newton continuava preso, e o Partido construiu um diálogo com líderes revolucionários de diversos países para reforçar a campanha *Free Huey*, que denunciava o abuso e a perseguição que sofriam do sistema policial estadunidense.<sup>73</sup> Martin Jr. e Bloom apontam:

Líderes anticoloniais e movimentos revolucionários abraçaram os Panteras. O secretário-executivo da OSPAAAL declarou que a liberdade genuína de Huey Newton será resultado de uma ação revolucionária dos afroamericanos e das pessoas brancas que estão dispostas a correr os mesmos riscos (...). Nesta empreitada eles terão o apoio e a solidariedade dos povos combatentes de África, Ásia e da América Latina.<sup>74</sup>

Nesse sentido, assim como a revista cubana, o *Black Community News Service* também era um espaço para o Partido se afirmar enquanto organização legítima que representava diversos povos no mundo, sendo trabalhadores, estudantes, negros, asiáticos, árabes, hispânicos, etc. De fato, os pôsteres estão em quatro línguas na intenção de ampliar o alcance..

73 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 269-270.

74 Ibid, p. 270.

# Armed Revolt In S. Africa

The following letter was sent Aug. 27 to Oliver Tambo, President of the African National Congress by H. Rapp Brown, Chairman and James Forman, International Affairs Director of the Student Non-violent Coordinating Committee.

Oliver Tambo  
President  
African National Congress  
P. O. Box 2239  
Dar es Salaam, Tanzania

Dear Brother Tambo:

Following the death of Chief Albert Lithuli the African National Congress stated to the International Seminar on Apartheid, Racism and Colonialism in Southern Africa held in Kitwe, Zambia that it had decided to wage a revolutionary armed struggle against the illegal white South African government.

Since the seminar you have formed a military alliance with the Zimbabwe African Peoples Union. We have also been informed that you have sent armed guerillas into South Africa to commit selective sabotage and to wage an intense liberation struggle. We know that this decision was not made lightly or without adequate training and preparation to sustain the initial efforts. Therefore we are not surprised that the South African authorities are carrying on a three nation search for your guerillas. We send to you our moral support and we pledge to help in other ways as you request it.

Figura 12. The Black Panther Party:  
Black Community News Service.  
Oakland, California, v. 1, n. 6, nov.  
1967.

# Mexican- Americans

## Fight Racism

STATEMENT FROM  
THE BROWN CAUCUS  
OF PEACE & FREEDOM PARTY

The death of Bobby Hutton and Dr. Martin Luther King tragically reminds this country, and the world, of the dry rot of racism which is prevalent in White America.

The incarceration of Huey P. Newton and Eldridge Cleaver, members of the Black Panther Party, given evidence to all that there does not exist room for those that oppose, and challenge, the warped and twisted minds that are guiding this country to Hell.

Racism in White America lies on this country like a heavy stench. It is oppressive; it is stifling. It is this very same disease that added two more Blacks to its long death list--Bobby Hutton and Dr. King. And the name of Eldridge Cleaver is now along side of Huey P. Newton, both under the heading of Political Prisoners.

This monster, this mentality, this way of life -- Racism -- is no stranger to the Mexican-American people. We have long been acquainted with it; we have seen deep in its eyes much hatred; we have long suffered from it. Countless times death has come to the Mexican-American Community by its hand. For the injustices -- or the lack of justice -- we have declared war on this monster.

Because the Brown and the Black people do have in common enemy we share in the Black Panther struggle against racism. We have long endorsed the Black Panther Program and will continue to do so. The Brown Caucus of PFP demands:

Figura 13. The Black Panther Party:  
Black Community News Service.  
Oakland, California, v. 2, n. 2, maio.  
1968.

As figuras 12 e 13 são notas de solidariedade que firmam um alinhamento entre as agendas de populações de fora e de dentro dos Estados Unidos. O jornal representava um instrumento de disputa política para conquistar apoio e reverberar pautas comuns às diversas populações ao redor do mundo. As manifestações de apoio político internacional favoreciam a ideia de integração e potência dos projetos revolucionários., e o Partido recebia respaldo dos diversos movimentos engajados na sua própria liberação. Na figura 12, uma nota de H. Rap Brown, então ministro da Justiça do PPN, ao presidente do Congresso Nacional Africano, Oliver Tambo, figura proeminente na luta contra o Apartheid na África do Sul. A nota expressa solidariedade incondicional e predisposição a ajudar no que fosse necessário, reconhecendo que a batalha contra o racismo e o colonialismo era coletiva e transnacional.

A nota 13 segue o mesmo sentido, mas se trata de nota de apoio dos mexicanos que compunham o *Peace and Freedom Party*, afirmando que se solidarizaram profundamente com as lideranças afroamericanas assassinadas e que reconheciam que o racismo era uma “mentalidade monstruosa” que afligia tanto aos negros quanto aos latinos.

O pensamento filosófico que norteava a ação política dos Panteras Negras tratava, a princípio, de construir um forte sentimento de irmandade entre os seus, uma espécie de nação paralela dentro dos EUA, através da qual afirmariam os valores culturais e políticos que respeitassem os direitos dos negros – os Panteras Negras seriam, neste sentido, *nacionalistas revolucionários*. Posteriormente, o Partido ampliou sua compreensão de questões históricas que os aproximavam de outros povos. Nesta nova concepção, noções de irmandade e solidariedade não eram efetivas enquanto outros sujeitos estivessem condenados às mesmas inferiorizações sistemáticas em outros lugares do mundo – o *Internacionalismo Revolucionário* ganhava força.<sup>75</sup>

### **3.2. Internacionalismo e Intercomunalismo Revolucionário: a pertinência do marxismo na crítica ao imperialismo**

O Internacionalismo Revolucionário, e posteriormente o Intercomunalismo, fundamentou as políticas que o Partido adotou a partir de 1970, quando Huey Newton saiu da prisão. A campanha *Free Huey*, além de mobilizar toda a esquerda estadunidense, teve amplo

75 HAYES, Floyd. W., KIENE, Francis. A. “All Power to The People”: The Political Thought of Huey P. Newton and The Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998. pp. 166-169.

apoio internacional, o que fez com que os próprios Panteras Negras reconhecessem a potência revolucionária de uma consciência global a respeito das violações que negros, latinos e árabes enfrentavam não apenas nos Estados Unidos, mas em outros países.<sup>76</sup>

Essa concepção acompanhou uma reinvenção do Partido quanto à sua teoriade ser a comunidade negra uma de fato colônia interna nos Estados Unidos, porque, segundo as reformulações que passariam a orientar a organização, era preciso “desenvolver um senso de amizade mútua entre todos os ‘Terceiro Mundo’ contra o imperialismo ocidental”.<sup>77</sup>

Os Estados Unidos, assim como as grandes potências europeias (França, Inglaterra, Bélgica, Portugal), figuravam como propulsores do imperialismo internacional. A expressão maior desse teoria, na época, era a Guerra do Vietnã (1955 – 1975), que mobilizou toda a esquerda estadunidense um amplo movimento antibélico. O PPN intensificou sua campanha pró-vietnamitas durante a década de 1970, inclusive liberando voluntários para atuarem no Vietnã contra as tropas americanas. Na mesma década, foi fundada uma seção internacional do Partido na Argélia, ampliando também a comunicação com movimentos revolucionários na Coreia do Norte e na China.<sup>78</sup> A teoria internacionalista não se realizava sem críticas, principalmente de líderes do Movimento por Diretos Civis, que apontavam falta de comprometimento com a população afroamericana em específico. Segundo Newton, o internacionalista se justificava porque “a luta deve proceder em muitas frentes. Enquanto alimentamos e vestimos os pobres em casa, devemos atacar quem nos oprime em qualquer lugar que ele possa ser encontrado”.<sup>79</sup>

76 Ibid, p. 169.

77 Ibid, p. 170.

78 Ibidem.

79 Ibidem.



# Eyes Of The Third World On U.S. Racism *King*



To:  
Ramsay Clarke  
U.S. Attorney-General,  
Washington, D.C.

THE EYES OF THE WORLD ARE ON YOU STOP CONFIDENCE IN AMERICAN JUSTICE SEVERELY SHAKEN STOP SHOCKED AND DISMAYED AT CONTINUED PERSECUTION OF OUR BLACK BROTHERS IN AMERICA STOP WE DEMAND IMMEDIATE RELEASE OF H. RAP BROWN, AND JUSTICE FOR LEROI JONES HUEY NEWTON AND ALL THE BLACK POLITICAL PRISONERS WHO ARE PRESENTLY SUFFERING AT HANDS OF WHITE RACIST POLICE IN YOUR CITIES STOP CABLE SENT BY CONCERNED BLACK PEOPLE IN CANADA

Please express to the family of Martin Luther King and to Afro-North American people our heart felt condolences, our support of your struggle and deep conviction that this dreadful crime which demonstrates that armed revolutionary violence is the only way to attain genuine liberation. This will contribute to strengthen and deepen the struggle of Afro-North American people already reaching dimensions of total confrontation. ORGANIZATION OF SOLIDARITY OF THE PEOPLES OF AFRICA, ASIA AND LATIN AMERICA

The assassination of Dr. King arousing deep sorrow indignation

ICE IN YOUR CITIES STOP CABLE SENT BY CONCERNED BLACK PEOPLE IN CANADA,

## ON THE DEATH OF DR. MARTIN LUTHER KING

We learn with indignation the assassination of Dr. Martin Luther King. Please convey to Dr. King's family the Vietnamese Youth's hearty condolences. The racists backed by the U.S. Authorities murdered Dr. King to threaten the Afro-Americans' struggle for civil rights against the U.S. aggressive war in Vietnam. But, their new crimes will increase Afro-Americans hatred and determination to fight against racial discrimination and U.S. aggressive war.

The Vietnamese Youth fully support the Afro-American's legitimate struggle and strongly condemn the U. S. ruling circles deceitful splitting manoeuvres brutal repression against your powerful struggle now spreading over America.

We wish your fight many successes.

VIETNAM YOUTH FEDERATION CENTRAL COMMITTEE

Figura 14. The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. 2, n. 2, maio. 1968.

Uma vez estabelecida, a solidariedade internacional funcionava nas duas direções. A figura 14 é uma nota no BCNS que representa a comoção internacional com o assassinato de Martin Luther King Jr., em abril de 1968. A OSPAAAL e o comitê vietnamita, entre outras, manifestaram condolências. O título da nota, “*Os olhos do ‘Terceiro Mundo’ estão no racismo dos Estados Unidos*”, denunciava universalmente que a morte de ativistas das causas minoritárias, inclusive os mais pacifistas e integracionistas, estava relacionada à estrutura excludente e discriminatória da sociedade estadunidense. Isso fazia do Partido uma organização que defendia mais do que somente a população negra, e também contrariava o discurso que o governo transmitia, de uma sociedade aberta e livre nos moldes do capitalismo. Além disso, para o Partido, em consonância com a teoria revolucionária marxista da época, capitalismo e racismo eram duas faces da mesma moeda – daí o advento do termo Intercomunalismo especificamente. Como explica Carbone,

(...) A noção de “Intercomunalismo Revolucionário” propunha uma “concepção desterritorializada da liberação”, a partir da qual grupos como os Panteras Negras formavam parte, com outras comunidades como os cubanos e os vietnamitas, de um mesmo movimento por liberdade. (...) Como consequência das transformações produzidas pelo capitalismo mundial, as nações como unidades territoriais e políticas foram profundamente afetadas em sua organização interna e limites fronteiriços. O Intercomunalismo definia o mundo como um conjunto de comunidades dominadas direta ou indiretamente pelo poder imperial e sua classe dominante.<sup>80</sup>

O anti-imperialismo e o marxismo foram as principais teorias que orientaram as ações do Partido. Antes mesmo de sua formação em 1966, o nacionalismo negro da década de 1950, expresso nas figuras de Du Bois e Malcolm X, já reivindicava o alinhamento com a teoria anti-imperialista. A Conferência de Bandung, em 1955, entre os países não alinhados à polarização da Guerra Fria e que buscavam preservar sua soberania, é um exemplo.<sup>81</sup> O Partido também se preocupava em ajustar a teoria marxista internacionalista e anticapitalista às singularidades da realidade racial nos Estados Unidos. De fato, o Partido sublinhava o caráter classista das mudanças sociais, próprio da análise materialista histórica, de modo que a construção de uma sociedade socialista e comunitária só poderia ser realizada através da superação de toda opressão racial, inclusive mediante conflito armado revolucionário.

Essa face da ação política do Partido dos Panteras Negras entrou em choque, mais uma vez, com algumas demandas do Partido que assumiam a identidade afroamericana para questionar plenos direitos que deveriam ser reconhecidos pelo Estado. As disputas e filiações ideológicas são expressas todo o tempo no periódico e no próprio programa do Partido, como foi exposto no capítulo anterior. Na figura abaixo, capa do jornal de outubro de 1971, nota-se a palavra *Intercommunal*, no lugar do *Black Community* usado anteriormente, ressaltando o realinhamento do Partido, liderado por Huey Newton, com a lógica da solidariedade internacional.

80 CARBONE, Valeria L. “*Sólo escucha lo que los Panteras están diciendo*”. Una historia del Partido de los Panteras Negras desde su visión y perspectiva. Revista EOLLES: “El pasado como testimonio: Memoria de la Resistencia y Resistencias de la Memoria”. N° 9, 2018. p. 10.

81 BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013. p. 312.



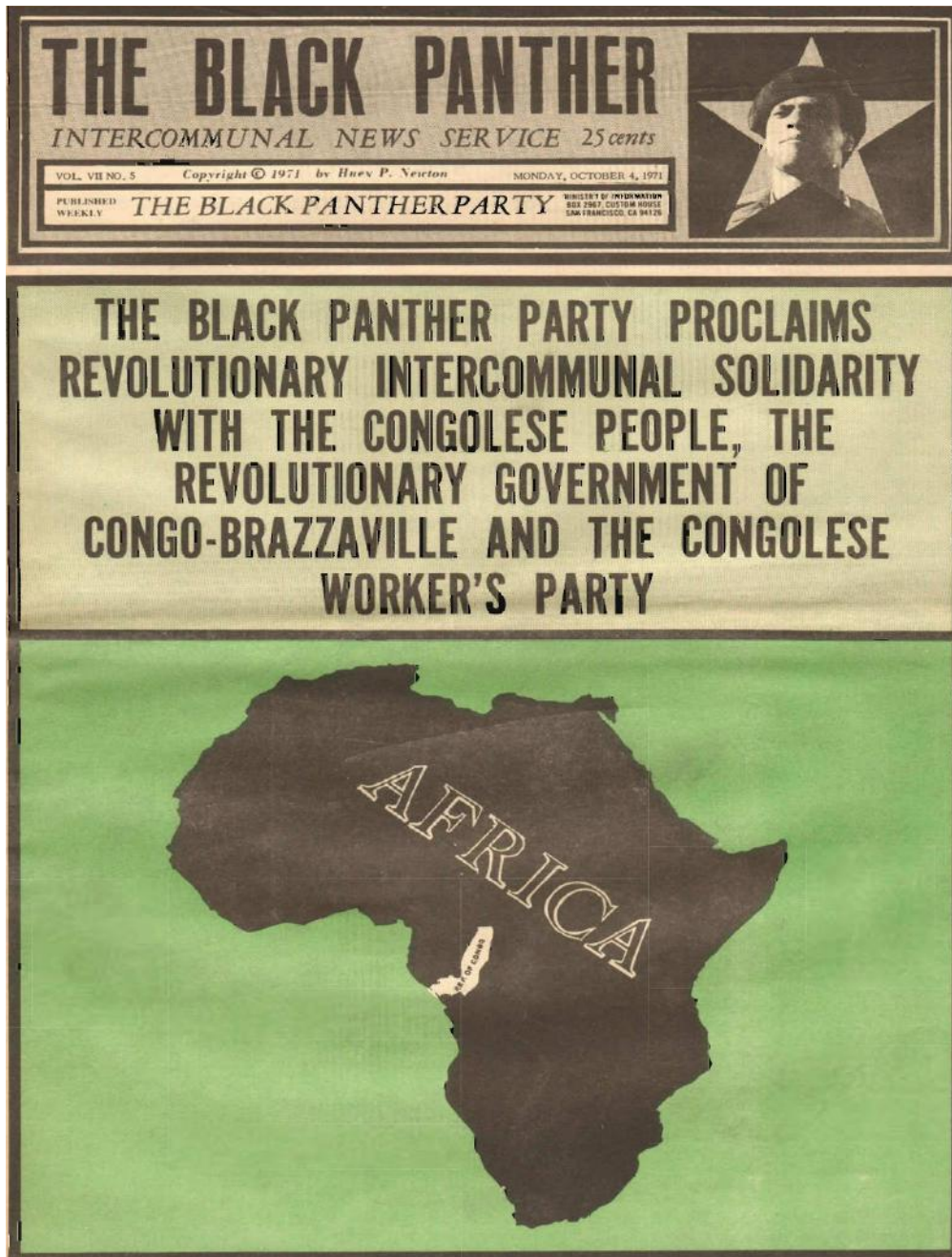


Figura 15. The Black Panther Party: Intercommunal News Service. Oakland, California, v. 7, n. 5. out, 1971.

Esse realinhamento filosófico remete, de certo modo, à principal formulação do conceito *Black Power*, que preconiza a liberdade e a superação do pensamento colonizado a partir do fortalecimento dos sujeitos negros, da sua estética, de pautas em comum que os engradeça enquanto donos de sua própria história – seja no Brasil, nos Estados Unidos ou na África do Sul. Além disso, considerando que o contexto dessa monografia perpassa por

décadas onde fervilham movimentos de libertação nacional e o PPN advogava peremptoriamente por essa causa, é pertinente traçar um panorama da filosofia pós-colonial como modo de compreender os sentidos da intersecção dos diversos movimentos racializados que vivenciaram o colonialismo de diversas formas.

#### **Capítulo 4 – O pós-colonial como ferramenta de análise**

Existe um sentimento de copertencimento que rege muitos movimentos sociais e, sobretudo, os movimentos raciais organizados. Os conceitos e perspectivas evocadas aqui são necessários para entender como teorias que partem de uma lógica decolonial<sup>82</sup> auxiliam a compreender a constituição da identidade negra nos Estados Unidos. Antes disso, para entender como os conflitos surgem, faz-se necessário duas abordagens: uma a respeito dos estudos pós-coloniais e sua relação com a identidade diaspórica e a outra sobre a própria cultura política e identidade nacional estadunidense,

O conceito “pós-colonial” é importante para delimitar escolhas políticas e éticas no mundo atravessado por experiências coloniais. O sociólogo Stuart Hall integra discussões a respeito do termo e reflete sobre como há divergências acerca da precisão conceitual, criticando, sobretudo, o uso do pós-colonial como definição de binarismos (o bem contra o mal).<sup>83</sup> Segundo Hall, o conceito ajuda a “descrever e caracterizar mudanças nas relações globais pós-independências e descolonização”, mas também ao campo simbólico que identifica novas relações de poder.<sup>84</sup> Isso nos auxilia pois a relação dos Panteras Negras com o Estado aponta uma dominação interna de povos que são, histórica e extraterritorialmente, alvos da lógica colonial. Para uma melhor definição, Hall argumenta:

82 Eu adoto a abordagem de Nelson Maldonado-Torres, que define colonialidade como o raciocínio global de desumanização de quem se atribui uma inferioridade, mesmo que essa lógica se perpetue fora dos territórios coloniais formais. A decolonialidade representa os esforços de superar os “efeitos epistêmicos, materiais e simbólicos da lógica colonial. In: MALDONADO-TORRES, Nelson. *Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 35-36.

83 HALL, S. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: SOVIK, Liv (Org.). In: *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 105-106.

84 *Ibid*, p. 107

O pós-colonial é caracterizado pela independência do controle colonial direto, (...) por formas de desenvolvimento econômico dominadas pelo crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial com o capitalismo, bem como as políticas que advêm da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. (...) É caracterizado pela persistência dos muitos efeitos da colonização e ao mesmo tempo por seu deslocamento do eixo colonizador/colonizado ao ponto da sua internalização na própria sociedade descolonizada. A colonização sobrevive através de seus “efeitos secundários”.<sup>85</sup>

O pós-colonial estaria, então, inserido num campo de “forças de poder-saber”, caracterizando um campo teórico que rejeita “temporalidades e sistemas de representações eurocêntricas”.<sup>86</sup> Os Estados Unidos, como potência mundial norteadora de políticas imperiais, são analisados dentro do contexto de uma nação que preconiza determinada concepção de civilização atrelada à dialética colonizadora.

#### **4.1. A subversão como cultura política nos Estados Unidos**

A historiadora Cecília Azevedo desenvolveu um trabalho sobre o *Peace Corps*<sup>87</sup>, no qual avaliou que este programa, gerado pelos EUA durante a década de 1960, partia da lógica de que era necessário um “desenvolvimento comunitário” externo pensado para países vizinhos na América. Esse desenvolvimento da política externa estadunidense se originava de um projeto político interno dos EUA, que buscava conter a efervescência do ativismo na década de 1960. Movimentos sociais reivindicavam e, por seus próprios meios, produziam transformações em sua relação com o Estado que, sob a figura do presidente Lyndon Johnson, “tentava recuperar, na arena doméstica, a tradição reformista inaugurada pelos Democratas nos anos 1930”.<sup>88</sup>

85 Ibid, p. 110.

86 Ibid, pp. 115-119.

87 “Agência governamental, criada pelo presidente John Kennedy, que tinha como objetivo enviar voluntários para trabalhar em projetos sociais e em prol do desenvolvimento comunitário do então chamado Terceiro Mundo”. In: AZEVEDO, Cecília Silva. *Culturas políticas em confronto: a política externa norte-americana em questão*. In: VI Encontro da ANPHLAC – Associação Nacional de Pesquisadores de História Latino Americana e Caribenha, 2004, Maringá. Programação e Resumos. Maringá: Sthampa Editora, 2004. p. 9.

88 Ibid, p. 10-11.

O discurso adotado oficialmente para a política externa dos EUA se esforçou para manter as ações em uma posição pragmática em relação aos outros países, mas, na verdade, o que faziam era “exportar um modelo de construção nacional (o próprio) que desconsiderava personalidade e impulso das outras sociedades”.<sup>89</sup> A relação que constitui a cultura política<sup>90</sup> dos Estados Unidos já denota um conflito: a sociedade estadunidense é marcada por intensas “guerras culturais” que disputam o imaginário cultural, apesar do “mito de formação” da nação que advoga uma virtude transcendente, um “destino manifesto”.<sup>91</sup> Essa característica de nação excepcional se associa à construção de um sistema belicoso e etnocêntrico, próprio de uma mentalidade moderna que adula o progresso, que marca a lógica imperialista americana. Os movimentos da década de 1960 (negros, feministas, pacifistas, *queer* etc.) vão forçar essa disputa a partir de óticas analíticas contra-hegemônicas.

Esses movimentos estavam contextualizados no período que correspondia à “Era de Ouro” nas relações econômicas e políticas dos Estados Unidos. Estabelecido no pós-guerra, esse período elevou à potência mundial a nação americana, tornando seus padrões e estilo de vida um modelo para o mundo<sup>92</sup>. Consequentemente a cultura política do Estado é inscrita nas relações internas, o que, no caso dos Estados Unidos, fomenta os conflitos entre as diversas comunidades e seus respectivos projetos de sociedade. Capitaneando a esfera anticomunista da Guerra Fria, os Estados Unidos se alinhavam à orientação mundial de combate a insurgências críticas ao capitalismo, principalmente aos grupos mais radicalizados e racializados, como os grupos de guerrilha que travavam batalhas por libertação nacional em África e Ásia.<sup>93</sup> Os Panteras Negras, engajados como estavam com as questões de libertação transfronteiriças, representavam uma afronta à ordem defendida e imposta severamente pelo

89 Idem.

90 A autora define cultura política como “expectativas das pessoas a respeito das realidades políticas e também aos ideais compartilhados em termos do que a vida pública deve ser; (...) Apesar da tendência à diversidade e diferenciação, uma comunidade política implica em uma cultura política que concede sentido, previsibilidade e informa o processo político”. In: AZEVEDO, Cecília Silva. *O sentido da Missão no Imaginário Político Norte-Americano*. Revista de História Regional - UEPG, Brasil, v. 3, n.2, p. 77-78, 1998.

91 AZEVEDO, Cecília Silva. “Culturas políticas e lugares de memória: batalhas identitárias nos EUA”. In: Azevedo, Cecília; Knauss, Paulo; Quadrat, Samantha; Rollemberg, Denise. (Org.). *Cultura política, memória e historiografia*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2009, v., p. 465-466.

92 SOUSA, R. *De Port Huron aos Weathermen: students for a democratic society e a nova esquerda americana, 1960-1969*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. p. 29-30.

93 GILLENDEY, M. *American radicalism and anti-colonialism*. In what ways did American radicals embrace liberation struggles in other parts of the world? Northumbria University. p. 1.

Estado americano.

O acirramento das tensões raciais nas décadas de 1950 a 1970 denota, portanto, não apenas que os afroamericanos se reconheciam nos os demais sujeitos alvos da política externa de intervenção e monitoramento imperialista, mas a disputa de projetos políticos, quer junto ao Estado, quer de modo independente. Alguns conceitos pensados por autores que se debruçam sobre a questão do colonialismo são pertinentes para compreender a relação estreita desses sujeitos atravessados por políticas de dominação imperial para além de regiões delimitadas, o que nos leva a buscar suporte nos estudos teóricos sobre raça e negritude.

#### **4.2. Sujeitos negros no mundo: raça e racismo além das fronteiras**

Achille Mbembe, filósofo e historiador camaronês, dispõe de alguns conceitos importantes para compreender a crítica pós-colonial à episteme eurocêntrica. Segundo Mbembe, a Europa finalmente deixa de ser o centro do mundo e novas interpretações emergem. O modelo de pensamento centrado em Europa, seguindo a lógica da modernidade e progresso europeus, colocam o negro e a raça no mesmo lugar. A esse lugar, no imaginário eurocêntrico, se atribuiu, durante muito tempo, “designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas [...]. O negro é que o se vê quando nada vemos e nada queremos ver”.<sup>94</sup>

O filósofo reconhece que esse pensamento moldou as referências sobre o negro no mundo a partir de um conjunto de três eventos: o tráfico atlântico, que conjugou um processo monumental de espoliação de homens e mulheres, os tornando homens-objetos; a construção de uma dignidade coletiva dos sujeitos, expressa pelo desenvolvimento de seus próprios signos e linguagens, que os permitiram articular movimentos revolucionários e reivindicarem seu próprio sentido de ser, não mais sendo exclusivamente pelo outro; e o momento mais contemporâneo da grande expressividade da lógica do neoliberalismo, segundo a qual a tudo pode ser atribuído um valor de mercado, produzindo indiferença e reduzindo as coisas e as relações à razão empresarial.

A raça não existe enquanto fato natural e físico, mas como uma ficção ideológica, uma construção forjada para projetar, segundo Mbembe, o que não correspondia ao ideário civilizatório estritamente ocidental, a saber:

94 MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Instituto Francês do Brasil: n-1 Edições, 2018. p. 11-12.

“Durante vários séculos, o conceito de raça – que sabemos advir inicialmente da esfera animal – serviu, em primeira linha, para nomear as humanidades não europeias. (...) A noção de raça permitia representar as humanidades não europeias como se tivessem sido tocadas por um ser inferior. Seriam o reflexo depauperado do homem ideal, de quem estariam separadas por um intervalo de tempo intransponível, uma diferença insuperável. Falar delas era, antes de mais nada, assinalar uma ausência”<sup>95</sup>

As transmutações do racismo e das “estruturas de ódio” não permitem que a categoria de raça se desloque definitivamente desses sentidos que a ela foram atribuídos. Mbembe afirma que as ‘novas constantes’ se somam ao histórico preconceito de cor que motivou o tráfico de escravos, as leis de segregação (EUA e África do Sul como maiores expressões), a perseguição antissemita e o modelo colonial que brutalizou determinados grupos.<sup>96</sup>

Para o autor, a identidade do negro foi construída em torno de uma coidentificação que estreitava as relações entre o negro do Caribe, dos Estados Unidos e da África, devido a essa mobilidade e porosidade dos fundamentos racistas. O indivíduo negro, de qualquer modo, ainda que conhecendo a África e encurtando distâncias com suas filiações ancestrais, desenvolvia uma dupla consciência, pois não abnegava seu lugar de cidadão do país em que nascera.<sup>97</sup>

A esses aspectos que definem o valor do sujeito racializado, Mbembe estabelece o conceito de *razão negra* como sendo o conjunto de discursos/saberes e práticas que afirmam determinada verdade sobre o que for de origem africana a partir de regimes de significações eurocêntricas, sendo a modernidade o período em que essa razão se constrói.<sup>98</sup>

Todo relato histórico sobre a emergência do terror moderno deve levar em conta a escravidão (...). Em certos aspectos, a própria estrutura do sistema de plantation e suas consequências traduzem a figura emblemática e paradoxal do estado de exceção: a humanidade do escravo aparece como sombra personificada; a condição do escravo é o resultado de uma perda tríplice: de um lar, dos direitos sobre o próprio corpo e perda

95 MBEMBE, A. 2018, p. 41-42.

96 Ibid, p. 47.

97 Ibid, pp. 55-57.

98 Ibid, p. 60-61.



do status político<sup>99</sup>

Os esforços de entender a situação do negro no mundo atual dialogam, quando não estão declaradamente associados, com o pensamento que opera sob a lógica da decolonialidade. Esse conceito fornece possibilidades para análise porque nos lembra que a lógica colonial ainda persiste, apesar de estarmos inseridos em outro tempo histórico-cronológico que não o das guerras coloniais e da maciça ocupação territorial em África e Ásia. A teoria decolonial oferece suporte para a compreensão de experiências distintas sob os signos da colonialidade.

Um exemplo pertinente do que foi apresentado até agora como novas estruturas de condenação do negro é o que o filósofo Lewis R. Gordon apresentou como relação entre raça e privação do direito nos EUA. Gordon evoca DuBois em sua elaboração a respeito da condição ambígua que é ser negro na América devido à condição de subcidadania em comparação com os brancos. A isso, DuBois se refere como “dupla consciência” ou “dualidade”, algo inerente à estrutura da sociedade estadunidense como conhecemos, que significa “a contradição de os americanos negros serem cidadãos sem todos os direitos outorgados aos cidadãos brancos”.<sup>100</sup> Os valores americanos, liberais e republicanos, toleram que a racionalidade supremacista perdure e negue aos negros o lugar de cidadãos plenos, submetendo-os ao lugar de homens-problema e dotados de uma deficiência que os desloca socialmente.<sup>101</sup> Essa dualidade entre negros e brancos também foi, posteriormente, amplamente abordada por teóricos anticoloniais no contexto das mobilizações por libertação nacional.

Teórico de extrema importância da luta pela descolonização em África e também para a filosofia pós-colonial, que vai nortear também ações de grupos fora dos territórios centrais da colonização europeia, o psiquiatra e filósofo Frantz Fanon ilustra a dualidade que existe na vivência do negro devido à experiência colonial:

99 MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Espanha: Melusina, 2011. p. 31-32.

100 GORDON, Lewis R. Antropologia filosófica, raça e a economia política da privação do direito. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 108-109. A obra de DuBois utilizada por Gordon é *The Souls of Black Folk* (1903).

101 Gordon define três categorias principais que representam a personalidade problemática do negro: deficiência intelectual, criminalidade e doença. In: *Ibid*, p. 117-118.

Este mundo dividido em compartimentos, este mundo cindido em dois, é habitado por espécies diferentes. A originalidade do contexto colonial reside em que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença dos modos de vida não logram nunca mascarar as realidades humanas. Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. (...) É verdade, não há um colonizado que não sonhe pelo menos uma vez por dia em se instalar no lugar do colono.<sup>102</sup>

Deste modo, o negro quer se inscrever no corpo e na experiência da outra espécie a quem as significações coloniais atribuem humanidade. Em consonância, o corpo negro no mundo colonizado é concebido sempre através de um esquema racial dotado de significações atribuídas pelo colono europeu. O negro reconhece a si pelo seu olhar e pelo olhar do outro.<sup>103</sup> Os anseios de libertação e (re)escrita da própria história só são possíveis, portanto, ao transformar os sentidos de análise, visto que as construções representativas feitas a partir de qualquer resquício da lógica colonial estarão comprometidas com a inferiorização de humanidades.

É preciso convencer-se de que o colonialismo é incapaz de proporcionar aos povos colonizados as condições materiais suscetíveis de fazê-lo esquecer a sua preocupação de dignidade. Tão logo o colonialismo compreendeu aonde o levaria sua tática de reformas sociais, nós o vimos recobrar seus velhos reflexos, reforçar os efetivos policiais, despachar tropas e instalar um regime de terror mais adaptado aos seus interesses e sua psicologia.<sup>104</sup>

#### **4.3. Resignificação cultural como retórica decolonial**

Ainda considerando Fanon, entender-se como parte de uma cultura nacional é atentar para o dinamismo do problema colonial. Isso quer dizer que os negros em África e os negros nos Estados Unidos possuem problemas fronteiriços distintos, mas confluem quando

102 FANON, Frantz. Da Violência. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968. p. 29.

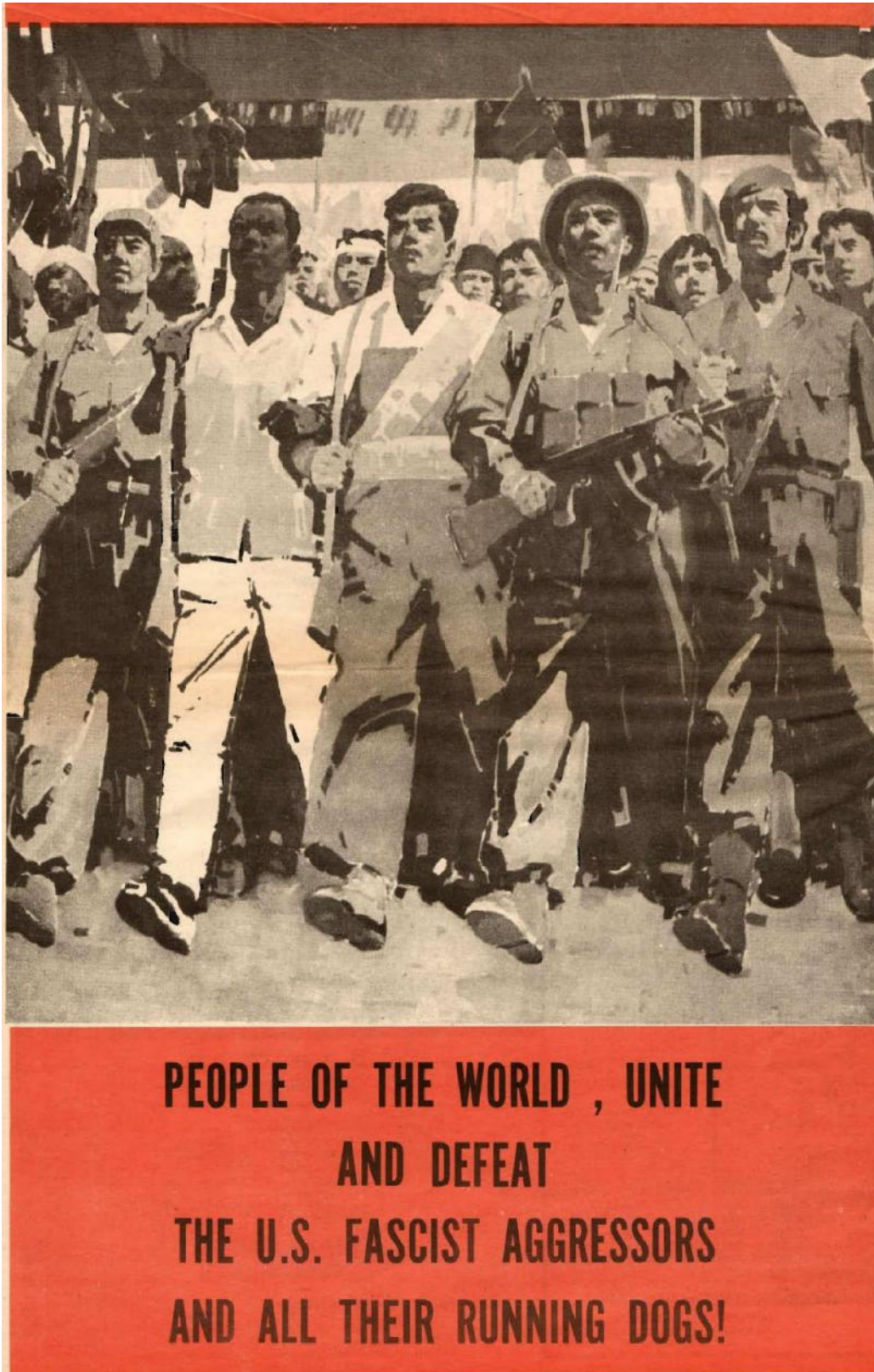
103 FANON, Frantz. A Experiência Viva do Negro. In: *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Bahia: UFBA. 2008. p. 104-109.

104 FANON, Frantz. Sobre a Cultura Nacional. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968. p. 173.

se trata de superar o espírito de inferiorização racial.<sup>105</sup> É importante sopesar isso para vislumbrar as possibilidades de mobilizações e mudanças que ocorrem para além do âmbito nacional.

O *Black Community News Service*, enquanto instrumento de transformação cultural e política, impulsionava uma estética de afirmação de identidades subalternizadas pelo *éthos* colonial, incentivando a mobilização coletiva e a união destes povos – fossem eles latinos, negros de outras nacionalidades ou asiáticos – contra os seus “agressores”, que consideravam ser o Estado americano. A articulação dos membros do Partido levava em conta que as estruturas de pensamento colonial abrangiam continentes, o que se somava tanto ao apoio efetivo internacional recebido pelo Panteras Negras e a existência de e filiais internacionais, como, no campo ideológico, à declarada afiliação ao internacionalismo marxista.

105 FANON, Frantz. Sobre a Cultura Nacional. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968. p. 178-179.



**PEOPLE OF THE WORLD , UNITE  
AND DEFEAT  
THE U.S. FASCIST AGGRESSORS  
AND ALL THEIR RUNNING DOGS!**

Figura 16. The Black Panther Party: Black Community News Service. v. 3, n. 8. June, 14. 1969.

Com o objetivo de relacionar determinadas identidades e culturas políticas à dignidade humana historicamente rebaixada pelas estruturas coloniais, os esforços do Partido dos Panteras Negras focaram no resgate de construção de narrativas e símbolos que reafirmassem as disputas de significados existentes e, sobretudo, que afirmassem politicamente a humanidade dos sujeitos representados na imagem. Analogamente, Angela Roothaan, em diálogo com debates do campo pós-colonial, afirma:

Os indivíduos não só pertencem a diferentes culturas e subculturas simultaneamente, como essas próprias culturas e subculturas estão continuamente mudando em reação aos desafios locais e globais da pertença social e ideológica que deveriam proporcionar.<sup>106</sup>

Isso implica a intersecção de movimentos globais e a ampliação do sentimento comunitário de identidades atravessadas pela experiência colonial. Nesse sentido, e a despeito da linguagem tempestuosa inspirada pelo contexto internacional de libertação nacional, o Partido dos Panteras Negras promulgou o constante exercício de “novas culturas de diferença”, definido por Stuart Hall como projetos decoloniais que objetivando romper com a Europa enquanto modelo universal. Para Hall, as “hierarquias étnicas” que compunham as nações, relacionadas culturalmente com a Europa pela experiência colonial, lutavam pelo enfraquecimento das categorias eurocêntricas de representação por meio de disputas culturais e políticas que “faziam emergir as sensibilidades descolonizadas”.<sup>107</sup>

A ambiguidade é uma característica preponderante das relações hierárquicas nos Estados Unidos, pois as culturas e identidades não são totalmente submersas pelo poder hegemônico de uma nação ou um sistema de dominação, ou seja, há manifestações contra hegemônicas, há produção de conhecimento, reafirmação cultural e divulgação periférica (em relação à centralidade do poder). Os indivíduos que compõem grupos étnicos distintos, por mais que expostos a relações e estruturas de poder desiguais, buscam deslocar a balança da justiça para equilibrar, de algum modo, essas relações de poder pela constante reivindicação por reconhecimento de plena cidadania e direitos.

106 ROTHAN, Angela. Political and Cultural Identity in the Global Postcolony: Postcolonial Thinkers on the Racist Enlightenment and the Struggle for Humanity. *Acta Politologica*. 2017. Vol. 9, no. 1, p. 32.

107 HALL, S. Que negro é esse na cultura negra? In: SOVIK, Liv (Org.). In: *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 335-336.

### **Considerações finais**

Os Estados Unidos, no período da Guerra Fria, capitanearam o bloco capitalista e emergiram como a nação mais poderosa e influente no ocidente. Enquanto movimentavam esforços econômicos e influenciavam políticas externas para conter sublevações, o país mais influente das Américas era palco das mais diversas mobilizações e disputas políticas e culturais. O Partido dos Panteras Negras foi fundado pela juventude que rejeitava o binômio “capitalismo e liberdade” com o qual os Estados Unidos se apresentavam ao mundo.

O Partido reuniu diversos aspectos que perpassaram identidades e a experiência dos afroamericanos durante o século XX: a experiência de homem negro *outsider* pós-abolição, deslocado das decisões e da igualdade plena; a luta histórica pelo reconhecimento de direitos tão básicos como educação e voto; o apelo pelo rompimento e a negação de tudo o que os Estados Unidos representavam econômica, política e culturalmente. A formação dos Panteras Negras demonstrou ser, também, uma explosão potente que canalizava muitos anseios de uma comunidade e um projeto de nação.

Os Panteras, inicialmente, focavam nas necessidades básicas da comunidade afroamericana, que historicamente foi vilipendiada pelo Estado, tendo superado a segregação legal poucos anos antes da fundação do Partido. Promoção de serviços de saúde, serviços educativos, de alimentação e vestimenta eram os métodos que mantiveram a comunidade negra americana unida e fortalecida, e demonstravam que a sobrevivência se dava a partir de seus próprios meios e engajamento. Além disso, o Partido defendia a resistência direta aos maus tratos diários da polícia, que reconhecia nos guetos urbanos, habitados principalmente por pessoas negras e pobres, um território aberto para discriminação e violência. Essas medidas não apenas caracterizavam a ação política do Partido, mas eram amplamente defendidas e divulgadas como chance única de sobreviver nos Estados Unidos, os quais deveriam ser subvertidos em toda sua lógica e fundação.

Os contrastes entre o Partido dos Panteras Negras e o Movimento dos Direitos Civis ensinaram lições aos que constroem novos ativismos antirracistas hoje. Segundo o documentário *A 13ª Emenda* (2016), dirigido por Ava DuVernay, “os Estados Unidos têm 2,3 milhões de pessoas em situação de prisão, ou seja, mais de 25% dos presos do planeta. Dessa população presidiária, 40% é formada por negros, percentual muito grande, considerando que representam apenas 12% da população total do país”. O documentário



reconstitui o debate histórico sobre como a imagem de criminoso foi construída e naturalizada ao sujeito negro, entre outras políticas que facilitaram e facilitam para que sejam os principais alvos policiais. O título é referente à Emenda Constitucional do século XIX “que abole a escravidão e os trabalhos forçados nos Estados Unidos, EXCETO como punição de um crime pelo qual o réu tenha sido devidamente condenado”.<sup>108</sup> A problemática do encarceramento em massa foi um dos argumentos para romper com o *modus operandi* pacifista e integracionista do Movimento por Direitos Civis.

A constituição do Partido se deu com a defesa enfática das teorias do *Black Power* e do nacionalismo negro, que influenciaram mudanças de mentalidade, culturais e no modo que os negros se relacionavam com os Estados Unidos. O PPN, com o objetivo de modificar materialmente a realidade, criou o jornal *Black Community News Service* (BCNS), como um dos serviços que oferecia à comunidade. O jornal servia tanto para divulgar os outros serviços e instruir a população de seus direitos, como para disputar narrativas junto ao Estado americano. Nesta narrativa, a luta da população afroamericana também foi marcada pela ligação com a perspectiva pós-colonial, construída por militantes e pensadores inseridos no turbilhão social das revoluções que marcaram o século XX.

Desse modo, desenvolvi nesse trabalho as seguintes ideias: no capítulo 1, discorri sobre a produção científica de historiadores e sociólogos sobre o Partido, resgatando os princípios e ações que tornaram a organização uma das mais importantes e relevantes da história dos Estados Unidos, bem como a repressão que sofreu. Para isso, resgatei a análise das categorias raciais que marcaram a história dos negros nos Estados Unidos. A partir disso e das fontes, entendi que os termos “negro” e “afroamericano” eram mais pertinentes para utilizar, pois marcavam a dualidade da diáspora africana e de se identificar com a identidade americana.

No capítulo 2, analisei mais diretamente minha fonte, o jornal BCNS, para verificar todas as complexidades que implicavam a divergência da agenda política principal. Alguns Panteras rompem, em determinado momento, com a direção do Partido, por advogarem por uma postura mais combatente e radicalizada, em contraste com as políticas de ampliação de serviços de assistência.

108 Informações sobre a 13ª emenda disponível em: <<https://www.law.cornell.edu/constitution/amendmentxiii>>. Trailer oficial do documentário: <<https://www.youtube.com/watch?v=h4uGff8OScM>>. Acesso em 15/09/2019.

No capítulo 3, analisei as diversas frentes de solidariedade internacional que apoiavam e eram apoiadas pelo Partido. As organizações revolucionárias entendiam que o mundo e as relações políticas como estavam, influenciadas pelas lógicas capitalistas e colonialistas, orquestravam um sistema de opressão de classe e racial, do qual não era possível que apenas um Partido ou organização se desvencilhasse sozinho. Portanto, foi necessário a construção de uma retórica revolucionária coletiva, com o objetivo de propagar e disputar projetos de poder e existência. Essas afirmações de solidariedade eram amplamente divulgadas no BCNS e em outros materiais de propaganda de outros países.

Finalmente, no capítulo 4 expus como a teoria pós-colonial foi um instrumento de análise apropriado para compreender as relações internacionais entre os movimentos racializados, que incluíam o PPN. Esses grupos, de diversos países, buscavam afirmar um valor e uma humanidade historicamente negadas pelos projetos de colonização eurocêntricos.

O Partido dos Panteras Negras ainda é uma referência para todos os movimentos sociais mobilizados em superar desigualdades sociais e, sobretudo, raciais. Considerando a relevância do Partido e sua efetividade em mobilizar corpos e mentes, muitas contribuições historiográficas e sociológicas restituíram a história do Partido de modo a entender a ação política e a influência da organização sem a mácula que os discursos oficiais de outrora tentaram imputar.

Desse modo, esta monografia propôs contribuir com a reflexão sobre as ambiguidades que podem marcar os diversos movimentos sociais e raciais, uma vez que se dão no âmbito da disputa nacional por projetos políticos que influenciam interna e externamente.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

Freedom of Information Act: Federal Bureau of Investigation (FBI). Assunto: COINTELPRO. Black Extremist. Section 15. page 2, 1969.

The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. 1, n. 3, jun. 1967.

The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. 1, n. 6, nov. 1967.

Figura 12. The Black Panther Party: Black Community News Service. Oakland, California, v. 2, n. 2, maio. 1968.

The Black Panther Party: Black Community News Service. v. 3, n. 8. june, 14. 1969.

Right On! Black Community News Service. Oakland, Califórnia, v. 1, n. 1, abr. 1971.

The Black Panther Party: Intercommunal News Service. Oakland, California, v. 7, n. 5. out, 1971.

Africa. Artistas: Lazaro Abreu / Emory Douglas. Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1968.

Solidarity with the African American People. Artistas: Lazaro Abreu / Emory Douglas. Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1968.

Todos con Viet Nam. Artista: Ernesto Padron. Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1971.

Namibia, Power to the people. Artista: Alberto Blanco. Publicado por OSPAAAL. Cuba, 1981.

### Referências bibliográficas

- ABRON, JoNina M. “Serving the People”: The Survival Programs of the Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998.
- BLOOM, Joshua. MARTIN JR., Waldo E. *Black Against Empire: The History and Politics of The Black Panther Party*. California: University of California Press, 2013.
- BROWN, T., TAYLOR, R. J., THORNTON, M. *Correlates of Racial Label Use Among Americans of African Descent: Colored, Negro, Black and African American*. In: *RACE & SOCIETY*, 2000, Vol 2, N. 2. pp. 149-164.
- CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. In: *Coleção Repensando a História*. São Paulo: EDUSP. 1988.
- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda Política e Construção da Identidade Nacional Coletiva. *Revista Brasileira de História*, Rio de Janeiro, v. 16, nº 31 e 32, pp. 328-352, 1996.
- CARBONE, Valeria L. “*Sólo escucha lo que los Panteras están diciendo*”. Una historia del Partido de los Panteras Negras desde su visión y perspectiva. *Revista EOLLES: “El pasado como testimonio: Memoria de la Resistencia y Resistencias de la Memoria”*. Nº 9, 2018.
- CARMICHAEL, Stokely. HAMILTON, Charles V. *Poder Negro*. México: Siglo XXI Editores, 1967. pp. 3-62.
- DAVENPORT, Christian A. Reading the “Voice of the Vanguard”: A Content Analysis of The Black Panther Intercommunal News Service, 1969-1973. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998.
- DE LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FANON, Frantz. A Experiência Viva do Negro. In: *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Bahia: UDFBA. 2008.
- FANON, Frantz. Da Violência. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.
- FANON, Frantz. Sobre a Cultura Nacional. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.
- FONER, Eric. The Sixties. In: *Give Me Liberty!* New York: W. W. Norton & Company. 2005.

GORDON, Lewis R. Antropologia filosófica, raça e a economia política da privação do direito. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HAYES, Floyd. W., KIENE, Francis. A. “All Power to The People”: The Political Thought of Huey P. Newton and The Black Panther Party. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998.

HUGLEY, Darryl Augusta. *The State of Black Nationalism in 21st Century Urban America*. 135p. Thesis for Master Degree in Southern Connecticut State University. USA. 2011.

JOHNSON, Ollie A. Explaining the Demise of The Black Panther Party: The Role of Internal Factors. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998.

JONES, Charles E. Reconsidering Panther History: The Untold Story. In: *The Black Panther Party [Reconsidered]*. Edited by: Charles E. Jones. Baltimore: Black Classic Press, 1998.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Instituto Francês do Brasil: n-1 Edições, 2018. pp. 11-77.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Espanha: Melusina, 2011.

PAIVA, Angela R. Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. *Novos valores religiosos: referência para o exercício da cidadania*.

PAMPLONA, Marcos A. Os anos de contestação dos jovens: pelos direitos civis e contra o Vietnã. *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995.

ROOTHAAN, Angela. *Political and Cultural Identity in the Global Postcolony: Postcolonial Thinkers on the Racist Enlightenment and the Struggle for Humanity*. Acta Politologica. 2017. Vol. 9, no. 1. pp. 31-44.

SOLOMON, A. *What's in a Name? Understanding the Racial and Ethnic Labels Among People of African Descent*. Department of Communication. Jun., 2015. 62 p.

SOUSA, Rodrigo. *De Port Huron aos Weathermen: students for a democratic society e a nova esquerda americana, 1960-1969*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: TADEU DA SILVA, Tomaz; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2005.